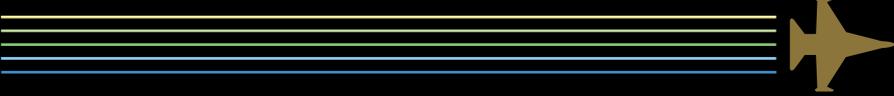


Revista 
Aeronáutica

ISSN 0486-6274

Número **310**
2021



PRESIDENTE

Maj Brig Ar Marco Antonio
Carballo Perez

1º Vice-Presidente

Cel Av Paulo Roberto Miranda Machado

2º Vice-Presidente

Brig Ar Carlos José Rodrigues
de Alencastro



Expediente

Jan. a Mar.

2021



www.caer.org.br

revista@caer.org.br

ISSN 0486-6274

SEDE CENTRAL

Praça Marechal Âncora, 15
Rio de Janeiro - RJ - CEP 20021-200
• PABX (21) 2210-3212
Terça-feira a sexta-feira,
das 8h às 12h e 13h às 17h

Superintendente

Cel Av Pedro Bittencourt de Almeida

Diretor Cultural

Cel Av Araken Hipolito da Costa

Diretor Social, Tecnologia da Informação e Hotel

Cel Av Ajauri Barros de Melo

Diretor Financeiro e Patrimonial

Cel Int Genivaldo Bezerra de Oliveira

Diretor Administrativo e Chefe da Secretaria-Geral

Cel Av Théo Salgado Falcão

Diretor Beneficente

Cap Adm Ivan Alves Moreira

Diretor Jurídico

Dr. Francisco Rodrigues da Fonseca

Assessor Secretaria-Geral

Cap Adm Ivan Alves Moreira

SEDE BARRA

Rua Raquel de Queiroz, s/nº
Rio de Janeiro - RJ - CEP 22793-100
• (21) 3325-2681
Quarta-feira a domingo, das 9h às 17h30

Superintendente

Brig Ar Paulo Roberto de Oliveira Pereira

Diretor Desportivo

Brig Ar Paulo Roberto de Oliveira Pereira

Diretor Aerodesportivo

Cel Av Luiz Claudio Cunha Ottero

Diretor de Operações e Diretor Técnico do Dep. Aerodesportivo

Cap Av Marcelo Duarte Lins

Assessores

Social - Brig Ar Carlos José Rodrigues de Alencastro

Financeiro - Cel Int Carlos Eduardo Costa Mattos

Administrativo e Pessoal - Cel Av Luiz dos Reis Domingues

Infraestrutura - Ten Cel Av Alfredo José Crivelli Neto

SEDE LACUSTRE

Superintendente

Cap Esp Met José Renato do Nascimento

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente - Ten Brig Ar Paulo Roberto
Cardoso Vilarinho

CONSELHO FISCAL

Presidente - Maj Brig Int Manoel José
Manhães Ferreira

COMISSÃO INTERCLUBES MILITARES

Assessores Clube de Aeronáutica

Maj Brig Ar Venancio Grossi

Cel Av Araken Hipolito da Costa

Cel Av Ajauri Barros de Melo

REVISTA AERONÁUTICA

(21) 2220-3691

Diretor e Editor

Cel Av Araken Hipolito da Costa

Conselho Editorial

Ten Brig Ar Marco Aurélio Mendes

Maj Brig Ar Marco Antonio Carballo Perez

Cel Av Bruno Pedra

Cel Av Renato Paiva Lamounier

Cel Av Araken Hipolito da Costa

Ten Cel Av Flávio Kauffmann

Jornalista colaboradora

2º Ten QOCON Jor Erika Blaudt

Produção Editorial e Design Gráfico

Núbia Santos

Produção Gráfica

Luiz Ludgerio Pereira da Silva

Revisão

Ten Cel QFO Dirce Silva Brízida

Administrativo

Amanda de Farias Lima

As opiniões emitidas em entrevistas e em matérias assinadas estarão sujeitas a cortes, no todo ou em parte, a critério do Conselho Editorial. As matérias são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião da revista. As matérias não serão devolvidas, mesmo que não publicadas.



Em 1907, voou o primeiro Demoiselle, criação do gênio inventivo Santos-Dumont. Esta aeronave, na foto do Sgt Johnson da FAB, é uma réplica do Demoiselle 19 e pode ser vista no MUSAL.

Fotografe o código abaixo para ler esta revista, fazer download e ou compartilhar as edições anteriores.



SUMÁRIO

- 4** Mensagem do presidente
Maj Brig Ar Marco Antonio Carballo Perez
- 5** Homenagem ao Brig Ar Sperry
- 6** Sede Barra - Um complexo de lazer
- 8** A influência das tendências políticas no pensamento aeronáutico brasileiro
Renato Paiva Lamounier
Cel Av
- 12** Por que as democracias não crescem?
Ives Gandra da Silva Martins
Jurista
- 14** Ameaças ao Brasil
Marco Antônio Esteves Balbi
Cel Art
- 17** Gente de memória curta
Percival Puggina
Arquiteto
- 18** Reparando uma injustiça pessoal
Olavo de Carvalho
Filósofo
- 26** Pensamento Perverso
Araken Hipólito da Costa
Cel Av
- 29** Heroísmo: deu a vida para salvar uma criança
Sérgio Pinto Monteiro
Ten His
- 30** Cultura
Frederico José Bergamo de Andrade
Cel Art
- 36** Cores, cultura e mestiçagem
Afonso Farias de Sousa Junior
Cel Int
- 38** Atolado no Porori
Renato Paiva Lamounier
Cel Av
- 43** O médico de esquadrão
Luiz Alberto Borges Fortes de Athayde Bohrer
Ten Cel
- 44** Atuação dos militares brasileiros na guerra e na paz - o soldado de Montese
Ten Brig Ar Astor Nina de Carvalho Netto
- 47** História perfeita
Autor anônimo
- 48** Quinze segundos em uma eternidade
Ronaldo Braga
Cel Av
- 50** Morte e vida Severina
José Cledi Lima Figueiredo
Cel Av

MENSAGEM DO PRESIDENTE

Caros leitores, civis e militares:

Encerramos esse primeiro trimestre sem muitas novidades em relação ao ano passado, a não ser a chegada da tão esperada vacina – “a libertadora”! Que essa campanha no País seja muito bem sucedida e possa nos libertar das agruras dessa pandemia.

Deixamos um fraternal abraço de toda a Diretoria do CAER ao nosso grande colaborador, Dr. Ives Gandra, pela inestimável perda de sua amada de toda uma vida, Dra. Ruth Vidal, cuja passagem ocorreu em janeiro passado, tendo sido homenageada com um belo soneto de autoria do próprio jurista, constante da página 13.

Com alegria, confirmamos a renovação da parceria com a empresa Zetra para mais um ano na edição da nossa Revista Aeronáutica. Muito grato aos amigos da Zetra!

O País tem vivido uma grave crise em sua economia, decorrente de medidas extremadas tomadas por algumas autoridades estaduais e municipais, no que tange ao combate à pandemia, que trarão grandes malefícios a longo prazo. No mesmo sentido,

a população tem sofrido, há um ano, com a política da quarentena forçada do “fica em casa”, patrocinada pela mídia alarmista de oposição ao Governo, que ressalta diariamente o número de mortos, mas não comenta nada sobre os mais de dez milhões de curados, até hoje, teimando em divulgar a imagem do copo meio vazio, em vez de meio cheio!

Não bastasse isso, em meio a essa situação conturbada, temos visto, recentemente, o País sendo impactado por decisões extremamente polêmicas de altas autoridades e narrativas negativistas que levam insegurança a todos.

O Clube de Aeronáutica confia que os cidadãos de bem deste País terão sabedoria e clarividência suficientes para, com vontade firme, tomarem decisões e atitudes que possam ajudar o Brasil a retornar ao trilho da Ordem e do Progresso de maneira serena!

Nesta edição, oferecemos aos leitores uma série de artigos de nossos colaboradores, a quem agradecemos, que trarão mais conhecimentos e cultura.

Tenham todos uma boa leitura.

Maj Brig Ar R1 Marco Antonio Carballo Perez
Presidente do Clube de Aeronáutica



HOMENAGEM AO BRIG AR SPERRY

Falar de alguém tão especial é tentar superação. Não existem adjetivos, superlativos, encômios – para dizer bonito.

Faltam-nos verbos para escrever amor, algo que exceda, que enalteça, que nos diga o que nos vai na alma. A nossa pena está cheia da ausência dele; ele voou, a Velha Águia bateu asas, a essas horas estará pilotando o avião fantasma: “É o avião fantasma, nunca o viste, em uma noite assim pálida e triste, pairando solitário na amplitude?”.

Não é ele quem pilota, ele preferia o azul mais infinito, o voo mais tranquilo, o pouso mais suave, em busca do abraço mais terno da sua amada Magda.

Como já foi dito pelos aviadores, o Sperry era um carcereiro de amizades. Não nos deixava escapar, envolvia-nos com uma teia de carinho, sempre pronto para ajudar, para servir.

Sempre foi o presidente das sociedades dos alunos de Barbacena, dos cadetes dos Afonsos. Liderança nata, sem nenhum esforço; era dele ajudar, colaborar, congregar... Todos os 138 alunos da turma de 1951 e os 148, de 1952, ficaram seus amigos.

Temos certeza de que aquele corisco riscando o azul é o Sperry nos dizendo: “Estou numa boa velando por todos. Em 20 de setembro, novamente, como faço todos os anos, vou me vestir a caráter e desfilar na parada comemorativa da Revolução Farroupilha. Fiquem de olho, vocês me reconhecerão. Mais velho, mas o mesmo Sperry amigo, cordato, leal”.

Faleceu, no dia 31 de dezembro de 2020, o Brig Ar Guilherme Sarmiento Sperry, no Hospital da Força Aérea do Galeão, no Rio de Janeiro.

Nascido em Erechim, Rio Grande do Sul, em 25 de outubro de 1932, o Brig Sperry iniciou sua carreira na Escola Preparatória de Cadetes do Ar, em 1951. Dentre as suas principais missões, foi instrutor da Escola de Aeronáutica, comandante do 5º EMRA e desempenhou-se, extraordinariamente, como primeiro comandante do CIAAR (Centro de Instrução e Adaptação da Aeronáutica). Participou, várias vezes, da administração do Clube de Aeronáutica, seja como vice-presidente, seja como diretor.

Casou-se com Magda Saraiva Sperry, com quem teve três filhos: Guilherme Antônio (Cap Av, “in memoriam”), João Luís e José Mário, além de quatro netos – Marcella, João Pedro, Joanna e Maria Fernanda.



SEDE BARRA

Um complexo de lazer

Vôlei de praia, piscina, tênis, futebol society, voos no espaço aerodesportivo, pista de atletismo, playground... Essas são algumas das atividades oferecidas pela Sede Barra do Clube de Aeronáutica aos seus associados e, também, aos visitantes.

Sob a presidência do Brig Ar Carlos José Rodrigues de Alencastro, a sede tem passado por reestruturações para melhor atender o sócio e, assim, promover qualidade nos serviços prestados.

Há diversidade de opções recreativas tanto para aqueles que gostam de praticar atividade física, quanto para quem opta pela tranquilidade às margens da Lagoa de Jacarepaguá. Pode-se desfrutar do descanso em um dos dez chalés para hóspedes temporários ou a passeio, com quarto de casal, sala, cozinha e banheiro. Famílias e casais aproveitam para se divertir.

Localizada no coração da infraestrutura turística do bairro, próximo a shoppings e às melhores praias do Rio de Janeiro, e ao lado do Aeroporto de Jacarepaguá, a sede possui o Departamento





Aerodesportivo:
composto por uma pista de pouso e três hangares para estacionamento de aviões e helicópteros. Possui cinco ultraleves próprios e tem capacidade para hangarar até 70 aeronaves de seus sócios, mediante aluguel mensal.

Na área esportiva, são muitas as possibilidades. Há uma pista de atletismo de última geração, quatro campos oficiais de futebol, um campo de futebol "society", oito quadras de tênis (cimento e saibro) e uma quadra de vôlei de praia. Em área específica, também existe a atividade de Jiu-jitsu. No ginásio poliesportivo são desenvolvidos esportes como vôlei, badminton e futebol de salão. Na academia, que possui maquinário completo, temos a ginástica, juntamente com o atendimento de fisioterapia.

Quanto ao lazer, há ainda duas piscinas, uma para adulto e uma infantil, onde também são desenvolvidas sessões de natação e hidroginástica; um parquinho infantil, um salão de jogos, uma quadra de bocha, oito churrasqueiras e dois salões de festas com capacidade para 240 pessoas cada um. Há ainda no complexo do CAER, a Capela de São Francisco de Assis, que realiza missas todos os domingos e, também, casamentos, batizados, crisma...

Na categoria facilidades, que são direcionadas aos sócios e aos não sócios, encontram-se o Restaurante Barra Deck, com atendimento de primeira qualidade e refeições requintadas; a Equitação, Equoterapia com aulas e treinamentos diários; e o Colégio Alfa Cem, com alunos que vão desde o maternal até o nível médio. São diversas opções para os associados, em um ambiente familiar, seguro e em localização privilegiada.

Mais informações podem ser obtidas pelos telefones:
(21) 98849-8955, 98849-9011 e 3325-2681
ou pelo e-mail: ass.social@caer.org.br



A INFLUÊNCIA DAS TENDÊNCIAS POLÍTICAS NO PENSAMENTO AERONÁUTICO BRASILEIRO

Renato Paiva Lamounier

Cel Av

rplamounier@gmail.com



Sob este tema, iniciemo-lo com uma atrativa motivação, de uma forma pitoresca e com o romantismo da ilusão das lendas. Assim, a fuga de Ícaro da Ilha de Creta deve ter sido determinada por um motivo político que levou o Rei Minos a fazê-lo prisioneiro e a seu pai, o arquiteto Dédalo, construtor do famoso labirinto para nele confinar o terrível Minotauro.

De forma concreta, já na realidade histórica, podemos considerar a “Passarola” de Bartolomeu Lourenço de Gusmão como um dos mais antigos episódios, senão o maior deles, em que o cenário político influenciou o pensamento aeronáutico. Esse conhecido fato confere singular significado ao Pensamento Aeronáutico Brasileiro, pois que, naqueles meados do século XVIII, o “Padre Voador”, assim cognominado, vivia na Corte de Lisboa, onde o seu irmão Alexandre de Gusmão pontificava na elaboração política do Reino Português sob Dom João V. Como aquele, também um brasileiro nascido em Santos, este célebre diplomata foi o mentor do tratado de Madri, celebrado em 1750 para regularizar as fronteiras fruto da expansão bandeirante além do meridiano de Tordesilhas. Seria interessante uma elucubração transcendental sobre a mentalidade aviatória no Brasil, sobretudo

a militar, quando foi inspirado a seguir o trabalho de integração nacional dos Bandeirantes, rompendo o limitante “círculo dos Afonsos” para lançar os precários aviões em direção ao sertão bruto onde inexistia infraestrutura de qualquer espécie. Foi o início do Correio Aéreo Militar, depois Correio Aéreo Nacional, o legendário CAN que viria a se constituir numa das maiores obras sociais do país, quiçá do mundo, além do laboratório que forjou tripulações, desenvolveu a logística, as técnicas e os procedimentos para a Força Aérea que em breve surgiria e seria posta à prova em operações de guerra no Velho Continente. Não é sem razão que o poeta introduziu no Hino dos Aviadores Brasileiros o significativo verso “Bandeirantes do Século do Aço”!

Dando um salto na História chegamos à Campanha da Tríplice Aliança ou Guerra do Paraguai, ocorrida no sul da América do Sul na segunda metade do século XIX. Naquele conflito, o Duque de Caxias empregou pela primeira vez no hemisfério a observação aérea nos campos de batalha, utilizando dois balões cativos contratados com dois balonistas norte-americanos. Na Força Aérea Brasileira, o 1º/10º GAv, Esquadrão de Reconhecimento Foto e Meteorológico sediado na Base Aérea de São Paulo (Cumbica), tinha no seu emblema o Brasão de Armas de Caxias e a figura de um balão a hidrogênio. É provável que, desprezando o valor histórico de tão importante e significativo acontecimento, este não seja mais o atual emblema daquela unidade aérea hoje sediada na Base Aérea de Santa Maria. Merece registro a interpretação de estudiosos que atribuem a essa experiência a inspiração de Luiz Alves de Lima e Silva para conceber e executar a genial e vitoriosa Marcha de Flanco com a qual iniciou a derrota do inimigo, cujas forças eram notadamente superiores em efetivo e equipamentos. Essa superioridade, já que o tema é tendências e influências, advém do papel da irlandesa Elisa Lynch na vida de Francisco Solano Lopez, levando-o a sonhar com um império sul-americano nos moldes daqueles em que ambos viveram durante seu romance na França. E já, também, que em História não há compartimentos estanques, a concepção Lynch/Solano Lopez buscou o espaço vital e antecipou em cerca de 100 anos a doutrina do *Lebensraum* de Karl Haushoffer, geopolítico alemão cuja influência sobre Adolf Hitler levou à catástrofe da Segunda Guerra Mundial. No ambiente mundial vigente à época dos abordados acontecimentos sul-americanos, antecedendo a tão decantada *belle époque*, estava à frente do Império do Brasil um humanista e pacifista, sendo estas uma das muitas e notáveis características do verdadeiro e admirável estadista que foi D. Pedro II, as quais, infelizmente, levaram-no a não acreditar o suficiente no ensinamento do *si vis pacem para bellum*.

O pensamento humano, nas suas diversas manifestações, não se limita ao tempo e à geografia, muito ao contrário, expressa e cria novas realizações, aprimora e desenvolve conceitos como fundamento das ideias base cujas raízes, muitas vezes, aparentam não ter correlação com o passado e seriam, tão

somente, causa e efeito da evolução de tecnologias e doutrinas circunscritas a um momento, pessoas e circunstâncias.

Assim não é! – pois permeia incessantemente as influências de cada lugar e de cada tempo para formar a unidade de pensamento essencial à continuidade e às grandes mudanças.

Em benefício da brevidade e da objetividade, no caso presente que é o da busca e da definição do Pensamento Aeronáutico Brasileiro, a comprovação está na completa e detalhada Cronologia de Efemérides esmeradamente elaborada pelo Departamento Cultural do Clube de Aeronáutica e oferecida para debate do seu Conselho Editorial. A essa cronologia se junta esta pretensa introdução, de forma a demonstrar a sua trajetória ao longo do tempo e do espaço, na concretização das realizações do passado para a inexorável e dinâmica (o Céu é o Limite) caminhada em direção às exigências dos novos tempos.

Nessa trajetória, porém, nem tudo foram flores, como inexoravelmente o determinam a fragilidade e falibilidade das ações humanas. Houve espinhos, também! Em outras palavras, influências benéficas e maléficas, frutos de concepções equivocadas, intencionais ou não, bem como de ideologia condenável e inadequada a uma atividade tecnicamente complexa e de elevadíssimo custo, na qual, ademais, é exigida uma forte dose de idealismo e, no caso de empreendedores privados, espírito pioneiro e disposição para o risco a ela inerente. Assim, tomemos

como exemplo, dentre muitas outras, a influência benéfica do Governo Getúlio Vargas em criar o Ministério da Aeronáutica, bem como, alguns anos mais tarde, a lúcida administração que nele instalou o *sui generis* Sistema Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo, assim como a Doutrina do Poder Aéreo Unificado com seus cinco ramos entrelaçados de forma a otimizar os meios afins para os objetivos comuns e logrando consolidar a grandeza da aeronáutica brasileira. Como influência maléfica tome-se como exemplo a incapacidade do poder público de preservar as empresas de transporte aéreo genuinamente brasileiras, com seu sofisticado parque industrial a constituir uma reserva estratégica de vital importância para a mobilização nacional. Neste aspecto, perdeu-se a capacidade de formação de pilotos e pessoal técnico representado pelo desaparecimento do histórico Aeroclube do Brasil (o segundo do mundo em antiguidade), de outros aeroclubes regionais e da Escola de Aperfeiçoamento e Preparação da Aviação Civil (EAPAC), cujos ambiciosos e meritórios objetivos chegaram a produzir muitos e bons frutos.

Por último, mas não menos importante, a “detranização”¹ representada pela ANAC, destruiu uma estrutura consagrada, eficaz e econômica, transformando-a numa dispendiosa máquina burocrática, politizada e distante do interesse dos usuários do setor por ela regulado. É digna de menção a terceirizada



Maj Eduardo Gomes



Getúlio Vargas, visita a Base Aérea de Santa Cruz

pulverização dos exames de capacidade física de aeronautas e aeroviários, desprezando-se o conhecimento acumulado em 70 anos dos profissionais médicos da Aeronáutica, todos com qualificação formal no curso especializado no Brasil e nas melhores instituições afins do exterior. Desde os tempos do então Instituto de Seleção e Controle (ISC), depois Instituto de Seleção, Controle e Pesquisa (ISCP) até o salto científico para o hoje Centro de Medicina Aeroespacial (CEMAL), os quais, em conjunto com o Instituto de Psicologia da Aeronáutica (IPA) acumulavam um precioso acervo das características antropomórficas e antropométricas do pessoal integrante da aviação brasileira, um verdadeiro banco de dados que muita falta fará à crescente indústria aeronáutica nacional. Nesse

sentido, o exitoso projeto do caça bombardeio AMX, juntamente com a Aeritalia e o mais recente e arrojado desenvolvimento, em conjunto, do caça supersônico Gripen NG, assim como de outros projetos no futuro, sentem, sem dúvida, o efeito pernicioso da ruptura do pensamento aeronáutico brasileiro de forma integrada, aditiva e harmônica como vem (ou vinha) ocorrendo ao longo dos últimos 100 anos ■

Nota:

¹ “Detranização” – neologismo autoexplicativo alusivo a alguma burocrática, ineficiente, tecnicamente desqualificada e, não raro, corrupta organização prestadora de serviço público que, ignorando sua própria razão de ser, torna-se um fim em si mesma.

POR QUE AS DEMOCRACIAS NÃO CRESCEM?

Povo é chamado às eleições, mas há rara influência

Ives Gandra da Silva Martins

Presidente do Conselho Superior de Direito da Fecomercio-SP e professor emérito da Universidade Mackenzie, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e da Escola Superior de Guerra

igm@gandramartins.adv.br

Norberto Bobbio, em seu livro “A Teoria das Formas de Governo”; lembra que o termo democracia “tem, de modo geral, nos grandes pensadores políticos, uma acepção negativa, de mau governo” (p. 33; Editora Universidade de Brasília, 1976). Após citar Otones, Dano, 1. Ieródoto e Aristóteles, e lastreando-se em crítica a Megabises sobre a distinção de governos monárquicos e populares, conclui Bobbio: “Essa comparação nos dá um exemplo claro da gradação das Constituições, boas ou más, de que falei na introdução (não há governos bons ou maus, mas governos melhores ou piores do que os outros)”, p. 34 e 35. É que “democracia” – governo do povo (*demos*), para os autores clássicos – era um regime pior que a *politia*, governo da cidade (*polis*).

Quando presidi o Gabinete de Estudos sobre o Amanhã, em 1979, escrevi para o livro daquela instituição, editado pela Resenha Universitária e intitulado “Ano 2000”, um estudo sobre “a legitimidade do poder e uma teoria de alcance” – tema que retornei em meus livros “Uma Breve Introdução ao Direito” e “Uma Breve Teoria do Poder”.

A rigor, no mundo inteiro, vivemos apenas uma “democracia de acesso”; isto é, os países em que o povo escolhe seus dirigentes, mas estes, quando eleitos, fazem o que bem entendem, pois suas promessas eleitorais, como dizia o saudoso Roberto Campos, comprometem apenas os que as ouvem.

Estamos ainda longe de uma real democracia no planeta, sendo que Steven Levitsky e Daniel Ziblatt poderiam melhor intitular seu livro – de “Como as Democracias Morrem” para “Porque as Democracias não Crescem”.

Brasil, Estados Unidos, França, Inglaterra, Áustria e inúmeros outros países vivem uma crise democrática que é uma crise de legitimidade, visto que neles as ideologias, que são a corruptela das ideias, vicejam, tornando os adversários políticos inimigos

figadais, pois se utilizam do populismo para a conquista ou manutenção do poder.

Aqui, o “princípio da eficiência”, do artigo 37 da Constituição Federal (CF), é substituído pelo “princípio do amigo”, valorizando-se a “teoria das oposições” de Carl Schmitt, o qual declarava que “a ciência política é a ciência que estuda a oposição entre o amigo e o inimigo”.

É de se perguntar se a Suprema Corte, que não representa o povo, mas a lei (artigo 102 da CF), pode mudar o direito positivo ou fazer a lei que a Constituição declara que cabe ao Congresso fazer - ou, em casos excepcionais, à Presidência da República.

É de se perguntar se o Congresso, que deve zelar por sua competência normativa perante os outros Poderes (artigo 49, inciso XI), tem exercido esta função, como representante do povo, ou tem se omitido, permitindo que o Poder Judiciário aja em seu lugar.

É de se perguntar se o Poder Executivo tem sido fiel aos compromissos de campanha.

Não discuto neste artigo, até porque não privo da intimidade dos condutores dos Três Poderes, a idoneidade e a competência dos que estão à frente deles; dois representantes do povo e um apenas da lei, razão pela qual está em último lugar no Título IV da Constituição.

O que discuto é se realmente a democracia brasileira não seria uma mera democracia de acesso, com o povo sendo chamado para as eleições, mas com pouquíssima influência, após eleitos seus representantes, na condução dos destinos do país, considerando-se os detentores dos Três Poderes pouco harmônicos e mal independentes, terem mandato dos deuses e não da sociedade, razão pela qual seriam livres para o exercício do poder sem limitações.

Creio ainda estarmos longe de uma verdadeira democracia, “em que todo o poder emanaria do povo” (artigo 1º, parágrafo único, da Constituição Federal).

Ruth

A dor e a paz eu sinto a cada instante,
Perdi o meu amor de toda vida,
Amei-a sempre desde que era infante,
Sem aceitar jamais a despedida.

Nos céus, Deus a recebe como santa,
De lá a todos nós protegerá.
A Virgem cobrirá com sua manta,
Mais bela que a da bela de Sabá.

A paz é que, no tempo, a reverei,
Pois ela sempre foi o meu caminho
E versos para ela escreverei,
Com Cristo, em pleno amor e com carinho.

Dê-me força, querida, nesta trilha,
Para bem conduzir nossa família.

SÃO PAULO, 26/01/2021.

**Soneto do Jurista Ives Gandra
dedicado à sua esposa.*

Homenagem do Clube de Aeronáutica (CAER) à
saudosa advogada Ruth Vidal da Silva Martins
(*01/07/1954 - + 26/01/2021), esposa do jurista,
palestrante do Curso Pensamento Brasileiro
e colaborador da Revista Aeronáutica,
Dr. Yves Gandra da Silva Martins.





AMEAÇAS AO BRASIL

Marco Antônio Esteves Balbi

Cel Art

mbalbi69@globo.com

De acordo com a versão on-line, gratuita, do “Dicionário Aurélio”, talvez um dos mais famosos e completos da língua portuguesa, estas são as definições para a palavra ameaça: “Palavra ou gesto intimidativo; promessa de castigo ou malefício; prenúncio ou indício de coisa desagradável ou temível, de desgraça, de doença”.

Cabe-me, em algumas palavras, discorrer sobre as ameaças ao Brasil. De pronto posso aduzir que as ameaças podem ser

consideradas tangíveis ou intangíveis. Posso, também, considerar, que elas sempre estiveram presentes na História do Brasil, desde ou até mesmo antes do seu achamento.

No aspecto tangível, ainda nos tempos coloniais, as constantes invasões do território por parte de franceses, ingleses, holandeses e a permanente fricção com a Espanha, em especial na área meridional. Já no Império, permaneceram as lutas no Prata, além da invasão do nosso território pátrio por parte dos



New Curls and Tresses - Arnulf Rainer

paraguaios. Na República, algumas ameaças intestinas de grupos com diferentes interesses, alguns ideológicos, como por exemplo as três tentativas de tomada do poder pelo Movimento Comunista Internacional, todas, ao fim e ao cabo, neutralizadas pelo poder central.

Cabe ressaltar a importância do trabalho desenvolvido pelo Barão do Rio Branco ao delimitar as nossas fronteiras terrestres mediante trabalho diplomático de arbitragem que não nos deixou nenhum atrito ou fricção neste mister.

No aspecto intangível, desde logo o Brasil recebeu a escolástica jesuítica trazida nas caravelas portuguesas, confrontada com os costumes dos habitantes da terra, que não eram um todo indivisível e coeso, muito pelo contrário, constituíam tribos diversas. Posteriormente, com a chegada dos negros africanos, também de diversas regiões daquele continente, a miscigenação iria se intensificar sob todos os aspectos, em especial, étnicos e culturais.

A escolástica será confrontada com a reforma pombalina, os jesuítas expulsos; e isso certamente mexeu com o imaginário de todos da terra. Segue-se o contato com as novas ideias surgidas no continente europeu, e, logo a seguir, no próprio continente americano, Revolução Francesa e Americana, influenciando jovens da terra que buscariam a independência de diversas formas, com o Brasil correndo o risco de se dividir como aconteceu na América Espanhola.

A independência, consubstanciada pelo herdeiro do trono de Portugal, e a atuação de estadistas brasileiros como José Bonifácio e Caxias, dentre outros, legou o território brasileiro uno e indivisível, falando o mesmo idioma e cultuando valores e tradições característicos de cada área geográfica, mas reconhecidos como brasileiros.

A abolição, o fim da ameaça paraguaia, a chegada de levas de novos imigrantes de diversas regiões do mundo, juntamente com as ideias que vicejavam no mundo no final do século XIX, início do século XX, fizeram a República, já tentada anteriormente sem sucesso.

No ano de 1922 vai se formalizar no país a primeira agremiação partidária comunista, ora permitida, ora proscribida pela legislação brasileira, mas, sem dúvida com permanente influência no imaginário da sociedade. Se os movimentos político-partidários até então objetivavam a simples troca do poder, surgia uma agremiação que pretendia nele se perpetuar, além de implantar um regime contrário aos ideários cristãos da sociedade organizada, desrespeitando o direito de propriedade e outros direitos, liberdades e garantias individuais da pessoa.

Tentaram tomar o poder à força em 1935, pela via parlamentar/constitucional em 1964, e novamente pela força, luta armada, no período de 1968 a 1973. Não obtiveram êxito e, após analisarem a situação, estabeleceram a estratégia da “Via Democrática para o Socialismo”, consubstanciada no aproveitamento da revolução cultural e das ideias de Antônio Gramsci.

Minariam os valores da sociedade cristã ocidental aqui presentes, ao mesmo tempo em que aparelhariam com seus próceres o Estado brasileiro. E assim o fizeram, mesmo antes do término do último governo do regime de exceção.

A Constituição de 1988, plena de direitos individuais e coletivos, mas com poucos deveres correlatos, estabeleceu os fundamentos da República, logo em seu artigo 1º; os objetivos fundamentais em seu artigo 3º; e os princípios que regem as relações internacionais em seu artigo 4º.

Em 2005, com base na Carta Magna, o Ministério da Defesa estabelece a Política de Defesa Nacional, visando “estabelecer objetivos e diretrizes para o preparo e o emprego da capacitação nacional, com o envolvimento dos setores militar e civil, em todas as esferas do Poder Nacional”. Em 2012, quando da sua primeira atualização, passou a se chamar Política Nacional de Defesa (PND). Recebeu a última atualização em 2020, tendo sido submetida ao Congresso Nacional para aprovação.

Para responder à PND houve necessidade de estabelecer a Estratégia Nacional de Defesa, com a primeira versão em 2008, também atualizada, juntamente com a política. Estabelecida a partir dos cenários mundial e regional, reza que o Brasil deve atingir seus objetivos, “A despeito de qualquer ameaça à soberania e interesses”, mercê de antagonismos.

Estabelece, ainda, áreas de interesses prioritários, como o entorno estratégico brasileiro, a América do Sul, o Atlântico Sul, a costa ocidental da África e a Antártica. Enfatiza a necessidade de relacionamento com países detentores de capacidades tecnológicas mais desenvolvidas. Prioriza a qualificação do capital humano, a melhoria da infraestrutura; preocupa-se com a faixa de fronteira, com a Amazônia Verde e a Azul, com o ambiente aeroespacial e com a cibernética. E classifica as ameaças: espectro de conflito estratégico militar entre as maiores potências; atuação de grupos insurgentes/organizações terroristas e criminosas; guerra irregular; busca por recursos naturais; e impactos das mudanças climáticas e/ou pandemias.

No escopo deste esboço penso ter listado as ameaças ao Brasil, quer nos aspectos tangíveis e intangíveis. Considerando a finalidade precípua deste trabalho, as ameaças intangíveis ao Brasil se asseveram num nível mais delicado que as tangíveis. Há uma “revolução invisível”, no dizer do Gen Sérgio Augusto de Avellar Coutinho, em marcha, desde pelo menos a década de 80 do século passado. Atuando a partir da educação universitária,

com primazia para as faculdades de ciências humanas, passou a fazer “corações e mentes” de estudantes, futuros professores, jornalistas, artistas, pedagogos etc., enfim toda a área da dita *intelligentsia* e cultura. A pauta para as mudanças nas crenças, nos costumes, nas tradições e nos valores da sociedade apresenta-se a olho nu.

No campo político-institucional pode-se citar a criação do Foro de São Paulo, no ano de 1989. Foi um marco na atuação das esquerdas da América Latina, dele participando todos os partidos representativos da esquerda brasileira.

Por 21 anos seguidos fomos governados por partidos de esquerda com a maciça atuação sobre a sociedade brasileira, avançando em muito a pauta das transformações dos costumes. A ascensão de um governo de direita, eleito, dentre outras motivações, para conter o avanço desta pauta, teve por efeito uma forte reação contrária. Falta às pessoas designadas para os postos chaves da administração, em todos os níveis e em todas as esferas, substancial estofamento intelectual para defender a pauta e se contrapor, com argumentos, à forte campanha desencadeada.

O Clube de Aeronáutica, como a Casa do Pensamento Brasileiro, pode contribuir sobremaneira para fundamentar a reação, neutralizar a ameaça e possibilitar ao Brasil alcançar o nível de quarta potência mundial, conforme o postulado ■



Foto: Ten Enilton/FAB

GENTE DE MEMÓRIA CURTA

Percival Puggina

Arquiteto, empresário, escritor Membro
da Academia Riograndense de Letras
puggina@puggina.org

Ainda se contavam os votos em vários estados norte-americanos e a mídia militante brasileira já criticava o presidente Bolsonaro por não haver, ainda, felicitado Joe Biden pela vitória. Aquilo seria um terrível erro tático da diplomacia nacional, que iria custar caríssimo ao Brasil!

Cada vez que Bolsonaro cumpre o ritual de abertura na Assembleia Geral da ONU, a mídia militante o critica por expressar uma mensagem de soberania do próprio país acossado por governos de esquerda e por interesses dos agricultores europeus. Quando eleva o tom com o presidente francês que sugere internacionalizar a Amazônia, a mídia militante o critica.

Até parece que nos governos Lula e Dilma, a diplomacia brasileira comandada, na real, pelo falecido Marco Aurélio “Top Top” Garcia, andou nos esmerados padrões do Barão do Rio Branco.

Esqueceram que, durante aquele longo período, o Brasil associou-se aos mais desprezíveis e deploráveis ditadores, buscados a dedo no mapa das nações. O tráfego entre Havana e Brasília, de tão intenso, quase exigia uma ponte aérea. Sempre havia um negociante oferecendo dinheiro do BNDES. Sempre havia algum líder esquerdista deixando uma lágrima de emoção nos ombros já arqueados de Fidel Castro. Na volta ao Brasil, qualquer pergunta sobre presos políticos, acionava um discurso decorado sobre Guantánamo e “bloqueio” americano. E ficava por isso mesmo. Presos de direita não são humanos nem têm direitos.

Essa afinidade entre nossos governantes de então e os líderes cubanos era carnal, como unha e dedo. Quando se separam, dói.

Noutra perspectiva, parecia, também, algo estreitamente familiar. Fraternal na afinidade dos iguais e crescentemente filial, como quem busca a bênção do veterano e sábio pai pelo apoio político, moral e financeiro à velhice dos rabugentos ditadores. E lá se foi dinheiro nosso para consertar o estrago que a ditadura já leva mais de sessenta anos produzindo.

Um pouco diferente, mas ainda assim consistente e comprometida, solidária e ativa, a relação dos nossos ex-presidentes com o delirante Hugo Chávez e seu fruto Maduro. Ali também se estendeu a mão solidária do governo petista. Podia faltar dinheiro para as penúrias humanas do nosso semiárido, para os portos e aeroportos nacionais, mas que não faltassem recursos para grandes obras em Cuba, Venezuela, Equador, Peru, Angola, Moçambique, e sabe-se lá onde mais. Foram longos anos bíblicos de perdão de dívidas! Onde houvesse um tiranete africano ou ibero-americano, lá ia o Brasil rasgar seus títulos de crédito.

Haveria muito, mas muito mais, do mesmo. Isso, porém, me basta. Percebam os leitores que em todos os casos, a reverência, o apreço, a dedicação fluíam para as pessoas concretas dos líderes políticos, membros do clube, e não para os respectivos povos. Não eram os cubanos, mas os Castro. Não eram os venezuelanos, mas os bolivarianos Chávez e Maduro. Não eram os paraguaios, mas o bispo fajuto D. Lugo. Não eram os bolivianos ou os nicaraguenses, mas Evo e Ortega. Não eram os povos africanos, mas seus ditadores. Havia algo muito errado em nossa política externa. Tão errado que me levou um dia a proclamar: “Isso não é o Brasil, senhores, isso é Lula, Dilma e seus companheiros!”.

Não bastassem tantos casos concretos, tratados pela mídia militante com cortesia e tolerância, caberia uma indagação final. Seria você capaz de identificar uma nação ou um estadista realmente democrático, uma democracia estável e respeitável, que colhesse daqueles nossos ex-governantes uma consideração semelhante à que foi concedida nos vários exemplos que acabo de citar? Pois é, não tem. A mídia militante abordou esse assunto? Também não. Mas a diplomacia de hoje é dita radical e prejudicial ao Brasil ■

REPARANDO UMA INJUSTIÇA PESSOAL

Olavo de Carvalho

Filósofo e Escritor

Discurso proferido no Clube Militar, Rio de Janeiro, em 31 de março de 1999. Transcrição revista pelo autor.

olavo@seminariodefilosofia.org

Agradeço comovido ao General Hélio Ibiapina e a todos os queridos amigos do Clube Militar este convite que muito me alegra, e peço permissão para começar esta conferência com uns detalhes autobiográficos, não por vaidade, absolutamente, mas apenas porque alguns fatos da minha vida se encaixam muito bem no assunto que vamos abordar aqui.

Existem pessoas que têm o dom de se aproximar de quem está no poder. Eu pareço que fui blindado com o dom contrário. No tempo dos governos militares, logo no começo, entre 1966 e 68, eu era um militante do Partido Comunista e odiava os militares; eu os chamava de “gorilas”, como, aliás, todo mundo naquele meio. Tive muitos amigos e parentes que foram prejudicados pelo governo militar e durante todo aquele período eu me senti marginalizado, como muitos membros da minha geração, em razão de minha honestidade ao regime. Hoje em dia, quando os esquerdistas estão no poder, dominam tudo e estão passando muito bem de saúde, já não estou mais ao lado deles e estou aqui falando para vocês. Por isso é que digo que fui brindado com este dom de fazer sempre as amizades mais inconvenientes no momento. Todos conhecemos muitas pessoas que fizeram carreira no regime militar e tão logo a situação mudou tratam de trocar de amizades, porque era melhor para a saúde...

Ora, toda a experiência que vivi, primeiro ao lado dos esquerdistas e depois numa longa solidão para a qual me retirei após ter me desiludido com a perspectiva socialista, para poder meditar e refazer de certo modo o meu mundo de ideias, toda esta experiência me ensinou, em primeiro lugar, a inconveniência de falar quando não se tem um mínimo de certeza razoável. Devo lembrar aos senhores que a minha atuação pública começa apenas em 1996, com o livro “O Imbecil Coletivo”. Até aí minha vida tinha sido muito modesta, muito discreta, dando minhas aulinhas e escrevendo uns livros de filosofia que ninguém lia. Só publiquei “O Imbecil Coletivo” porque observei a ascensão de um tipo de mentalidade destrutiva, não só do ponto de vista político, mas sobretudo no que diz respeito à destruição da inteligência humana. Tendo observado fatos cada vez mais alarmantes, na área cultural, e vendo que ninguém dava sinal de

tê-los percebido, eu disse a mim mesmo: “Parece que sobrou para mim”. Então, com competência ou sem ela, foi necessário fazer alguma coisa. Este livro, na época, desencalhou uma onda que eu não diria de raiva, foi mais onda de pânico, entre pessoas do meio intelectual que jamais tinham sido criticadas no mais mínimo que fosse e que estavam acostumadas com o dogma da intangibilidade sacrossanta de suas pessoas. Um deles, lembro-me claramente, foi o prof. Leandro Konder, um comunista histórico, um homem que nunca foi criticado par nada, um homem sem defeito, um homem sem mácula e que onde quer que vocês perguntem a respeito dele lhes dirão: “O Leandro é um cavalheiro, é um gentleman.” Dele não só fala mal. E esse homem, por conta do seu prestígio de gentleman, vinha não só mentindo compulsivamente em assuntos culturais, mas pregando ideias bastante destrutivas, por trinta anos protegido pelo manto de sua pretensa delicadeza. Então, quando ousei mexer nessa figura, muita gente ficou escandalizada, parecia que ia ter um enfarte, e eu notei que para essas pessoas doía mais nos seus corações ver alguém destratar intelectualmente um Leandro Konder, um Oscar Niemeyer ou alguém assim, do que ouvir blasfêmias contra Jesus Cristo. Eu cheguei a ver pessoas, em conferências minhas, passarem mal fisicamente ao ver-me desmascarar certas figuras da sua adoração. Tudo isso eu vi com estes dois olhos, não estou inventando nada. Eu vi no rosto dessas pessoas a emoção que a Bíblia chama “escândalo”. Que é o escândalo no sentido bíblico do termo? O escândalo é um fato que desmente a nossa fé, que viola a integridade da nossa alma e abala a nossa confiança na ordem do universo.

Então, quando eu dizia certas coisas para certas plateias, as pessoas sentiam a emoção do escândalo, uma espécie de terror espiritual ante a morte do seu Deus. Não posso dizer que os artigos que publiquei, reunidos nesse livro, tenham suscitado propriamente ódio ou rancor. Eu tenho certeza de que suscitaram medo.

As pessoas sempre me perguntam se nunca recebi pressões ou se fui intimidado ou ameaçado. Sim, isso aconteceu algumas vezes, mas ninguém fica trinta anos quieto num canto, pensando, para depois recuar ao surgir a primeira reação adversa. Recuo é só quando, na juventude, no arrebatamento do entusiasmo,

nos levantamos de improviso contra algo que no calor da hora nos parece errado e o adversário reage, aí sim nos intimidamos e corremos e pomos o rabo entre as pernas. Praticamente toda a minha geração fez isso. Fez isso baseada sobretudo no mito lisonjeiro de que a juventude tem amor à justiça. Ora, o que vocês achariam de um juiz de quinze anos de idade que condenasse o réu sem sequer tê-lo ouvido? Não há amor à justiça quando não há amor à verdade, e não há amor à verdade quando não há sequer paciência de esperar para conhecê-la. Isto quer dizer que esse famoso amor à justiça que se atribui à juventude é apenas vaidade, pretensão e arrogância. Evidentemente esses sentimentos baixos, como todas as paixões infames de que o ser humano é capaz, sempre podem ser muito bem trabalhados e aproveitados por pessoas sedutoras. A palavra “sedutor” vem do latim sub ducere. Ducere é “conduzir”, e sub, “por baixo”. Quer dizer o sedutor é alguém que nos conduz pela nossa parte inferior, pela nossa parte fraca e pelas nossas tendências abissais ocultas. Ora, não há tendência mais baixa do que a vaidade e a arrogância rancorosa. Quem quer que diga a um garoto de quinze anos que ele é superior à geração de seus pais porque tem o espírito da justiça é apenas um sedutor barato e mentiroso. Mas acho que não houve na história do século XX uma única geração que não tenha ouvido esse canto de sereia. Eu também ouvi, eu também fui seduzido, eu também achei maravilhoso me imaginar o grande justiceiro: aos dezoito anos eu tinha a certeza de que sabia quais eram os males do mundo, de que eu sabia quais eram os culpados pelos males do mundo e qual a punição que deveria lhes ser aplicada. Também tinha a certeza de que o principal mal do mundo era que não me dessem os instrumentos de punir todos os culpados. Ou seja: para resolver tudo bastava uma só coisa – dar o poder absoluto ao Olavo de Carvalho e a seus cupinchas. Então tudo estaria resolvido, isto eu achava aos dezessete anos e toda a minha geração pensava como eu. Vocês também chamam isso de espírito de justiça? Eu chamo de espírito de estupidez, espírito de arrogância, espírito de pretensão boba. A diferença entre eu e os meus companheiros de geração é a seguinte: eu percebi isso e eles não.

Quando falo em companheiros de geração, às vezes se trata de pessoas que me eram bem mais próximas que meros companheiros de geração. Durante certo tempo dividi um apartamento com o Rui Falcão, que foi presidente do PT, e ambos éramos amigos do José Dirceu, que não saía dali; então, esses eram os meus companheiros. Eu percebi que eu era um palhaço arrogante e eles nada perceberam de si até hoje.

Não sei se cheguei a ser alguma coisa que preste, mas aquela porcaria que eu era já não sou mais. Não consigo mais me enganar com tanta facilidade, não consigo dizer a mim mesmo, como naquela época: “Olavo, você sabe quem são os culpados dos males do mundo”, “Olavo, você tem o direito de reivindicar a posse do chicote universal para açoitar o lombo de



todos os malvados”, e assim par diante. Ora, estou com 52 anos, alguma coisa devo ter aprendido neste período, mas certamente, se aprendi, foi porque me absteve de falar durante vinte anos ou mais. Ontem mesmo, na conferência que fiz no Instituto de Geografia e História Militar, estava contando que fiz como Buda, que, sendo tomado por uma dúvida, sentou ao pé de uma árvore e disse: Não me levanto daqui até descobrir a resposta. Eu também tive um amigo, já falecido, que foi um grande psicólogo clínico, Juan Alfredo César Muller, o qual na sua juventude, tendo terríveis dúvidas vocacionais, entrou numa igreja e disse para si mesmo: “Vou me ajoelhar e vou rezar até obter a resposta ou vou morrer ajoelhando aqui.” Assim, ele obteve a evidência, uma espécie de sinal divino de que ele devia seguir a carreira de psicólogo, e raramente uma vocação foi tão acertada como a desse gênio da psicologia clínica. Quando a gente quer a verdade a gente faz assim, quando a gente não quer a gente inventa uma qualquer, a que nos pareça a mais lisonjeira, a que grade ao nosso grupo de referência, e condenamos o resto do mundo porque ele não concorda conosco. Quem estudar brevemente a história do século XX verá que todos os movimentos destrutivos, todos os movimentos responsáveis por massacre milhões de pessoas, todos eles, foram sempre encabeçados por jovens, e que a militância a serviço desses movimentos foi sempre de jovens. Isso será porque o jovem tem espírito de justiça? Somem o número dos mortos; cem milhões do comunismo, mais vinte milhões do fascismo e assim para diante, sem contar a maravilhosa militância de 1968 – Woodstock – em favor da disseminação das drogas, que transformou o mundo num feudo dos traficantes. Quantas pessoas as drogas mataram e a quem incumbe a culpa disso? A culpa inteira cabe a estes jovens, cujos pais covardemente continuaram a lisonjeá-los, dizendo: “Vocês têm o espírito da justiça”, “Vocês tem o espírito da justiça”, “Vocês tem o espírito da verdade”, “Vocês são melhores que nós”. Nunca se deve dizer isso a um filho, nunca, nunca, nunca. Um século de lisonja à juventude deu uns duzentos milhões de mortos. Será que não está na hora de parar com isso? Será que não está na hora de os adultos aprenderem que os jovens não devem ser lisonjeados e sim educados, mesmo que isto os contrarie. Muito bem, eu tive um monte de filhos, tenho oito filhos, nunca os maltratei, nunca os humilhei, mas também nunca os lisonjeei. Eu disse apenas o que um pai deve dizer a um filho “Eu te amo meu filho”, “Saia de cima do muro que você vai cair”, “Pare de maltratar o seu irmãozinho”, e todas essas coisas de pai. Mas nunca disse: “Você é a encarnação do espírito de justiça”, “Você é a consciência moral do seu pai”, e nenhuma dessas coisas covardes que corrompem a alma da juventude. Podemos expressar bons sentimentos pelos nossos filhos sem lhes inocular a mais destrutiva das ilusões. Mas a nossa geração recebeu doses imensas, doses cavaleares desta lisonja. E, assim lisonjeados, acreditamos que bastava nos dar armas e que o resto nós faria-

mos: construiríamos um mundo melhor. E como construiríamos um mundo melhor? Pelo velho expediente de matar, matar quem não o desejasse. Esta é sempre a solução, qualquer que seja o problema, não é mesmo? Nós tomamos em sentido literal o que dizia Jean Paul Sartre: “O inferno são os outros”. Basta matá-los e está tudo resolvido, basta matar quem não concorda conosco. Sendo educado nesta mentalidade, – da qual felizmente me livre, mas me livre progressivamente, porque é uma ilusão pensar que você se livra do veneno marxista simplesmente trocando a carteirinha do seu clube; não é assim, é um processo interior que requer uma verdadeira psicanálise, uma retirada progressiva dos enclaves, dos complexos, dos cacoetes mentais que se impregnam profundamente no nosso interior – tendo sido educado nesta mentalidade, foi assim que julguei o movimento de 1964. Para julgá-lo, condená-lo e abominá-lo eu não precisei saber quase nada a respeito dele. Bastou ouvir uma palavra. E qual era essa palavra? Era a palavra mágica – “a Direita”. Qual era o crime dos militares? Eles eram a Direita. Ora, a Direita quer dizer necessariamente o mal, portanto eles eram o mal encamado. Não interessava saber o que estavam fazendo, por que estavam fazendo, etc. Não era preciso saber nada a respeito deles para odiá-los e condená-los. Era uma espécie de maldade ontológica que estava grudada na constituição deles, independentemente do que fizessem ou deixassem de fazer. Se um militar socorresse um doente na rua ele continuaria sendo mau, e se um homem da esquerda maltratasse uma criancinha, ainda assim ele continuaria sendo bom, porque a bondade e a maldade não dependiam dos atos e sim da identidade ideológica. Ora, esta metafísica, esta horrenda metafísica maniqueísta, ela na verdade é a essência mesma da política. Um dos grandes teóricos da política no século XX foi Carl Schmitt. Ele se perguntou qual a essência da política, o que distingue a política de outras atividades, o que distingue a política da moral, do direito da economia etc. E ele diz o seguinte: quando um conflito entre facções não pode ser arbitrado racionalmente pela análise do conteúdo dos conceitos em jogo e quando portanto o conflito se toma apenas confronto nu e cru de um grupo de amigos contra um grupo de inimigos, isto se chama – Política. Ora, é fácil você compreender que nesse sentido a definição de Schmitt inverte a definição de Clausewitz, que diz que a guerra é uma continuação da política por outros meios. Schmitt descobriu, muito mais realisticamente, que a política é uma continuação da guerra por outros meios. Ora, durante toda a história humana existiu política mas havia outras dimensões e outras atividades que eram consideradas mais importantes. A religião era uma delas, mesmo os governantes de ocupavam mais de religião que de política. No século XIX, um homem chamado Napoleão Bonaparte descobre uma coisa terrível: a política, diz ele, é o destino inevitável dos tempos modernos. Tudo vai virar política e os homens não se ocuparão senão de política. Ele descobre a politização geral de tudo. E o

que significa a politização geral? Significa que todos os conflitos já não poderão mais ser arbitrados pela análise dos conteúdos dos termos em questão, mas serão resolvidos sempre por um confronto de forças entre o grupo dos amigos e o grupo dos inimigos, ou seja, terminou a civilização e começou a barbárie. A politização geral de tudo é simplesmente a barbárie, a violência institucionalizada, seja sob a forma de violência física, seja como a violência moral da mentira imposta como verdade obrigatória. Napoleão previu isso no começo do século XIX, mas a previsão dele só se toma plenamente efetiva no século XX. No século XX tudo é politizado, e por isso mesmo este foi o século mais violento e mais sanguinário da história humana. A partir do século XIX você vê um crescimento do índice de violência, absolutamente incomparável com o crescimento paralelo da população. A politização geral da vida quer dizer que um garoto de quinze, de dezesseis anos, que mal está entrando na vida, que não tem a menor idéia do que se passa neste planeta, já está cooptado, já está inscrito no grupo dos amigos, cuja única finalidade é matar o grupo dos inimigos. Mas isto é vida? Isto é perspectiva que se ofereça a um jovem: politizá-lo desde o berço, oferecer-lhe o vício da militância política como se fosse a encarnação mais alta da ética e do bem? Ora, quantas, vezes não ouvi intelectuais brasileiros fazendo a apologia da politização, condenando as pessoas que não são politizadas! Por exemplo, um homem que se ocupe mais de religião do que de política é condenado como um cretino ou um inconsciente, um indivíduo que se ocupa mais com o sustento de sua família do que de política parece uma criatura inferior. Quando analisamos o termo e entendemos as implicações práticas deste conceito, vemos que esta apologia da politização é a coisa mais monstruosa que algum ideólogo já inventou. Ora, foi à luz desta mentalidade que eu julguei, sem conhecê-lo, o movimento de 1964. Tendo percebido que eu já tinha condenado o réu sem nem tê-lo ouvido, sem nem ter visto a cara dele, sem nem ter sabido onde ele estava, um dia constatei a minha própria ignorância e disse: Bem, agora tenho de ir para casa e pensar no assunto.

Então eu me fiz a pergunta filosófica decisiva. A pergunta filosófica decisiva é “Quê?” – Quid? Eu me perguntei: Que aconteceu em 1964? O que foi exatamente aquilo?, ou seja, vamos deixar de lado por uns momentos a avaliação dos acontecimentos, a investigação de suas causas profundas, a conjeturação de suas consequências a longo prazo etc., e vamos fazer a mais simples e a mais decisiva das perguntas. Quê aconteceu?

Ora, o que aconteceu em 1964 foi o seguinte. Em janeiro daquele ano, Luiz Carlos Prestes esteve em Moscou apresentando a Mikhail Suslov um relatório da situação brasileira. Não sei qual foi o conteúdo deste relatório, mas a conclusão de Suslov foi bastante significativa: ele chegou à conclusão de que o Brasil estava maduro para ter uma guerra civil no campo, e autorizou então Luiz Carlos Prestes, em seu retorno ao Brasil, a desenca-

dear essa guerra civil no campo. Luiz Carlos Prestes voltou com a autorização e, se não executou a tarefa de imediato, decerto a teria executado ao longo do tempo. Se não havia ainda a condição para desencadear uma guerra civil no campo em escala nacional, havia no entanto condições para paralisar a economia, instaurar a rebelião entre as Forças Armadas e fazer tudo para tomar viável a guerra civil encomendada por Suslov. Em suma, estava sendo montado aqui algo cujo tamanho as pessoas às vezes não avaliam. O que seria uma revolução comunista num país do tamanho do Brasil? Seria certamente a maior revolução comunista da História das Américas. Era isso que estava sendo montado aqui. Ao mesmo tempo é evidente que estava sendo montada uma reação a essa revolução. Que reação era esta? De onde partia? Partia, sobretudo, de algumas lideranças civis. Particularmente, em São Paulo, do Governador Adhemar de Barros e, no Rio, do Governador Carlos Lacerda. Um dos recursos que estes dois líderes utilizaram para fazer face a uma eventual ameaça comunista foi a constituição de tropas paramilitares com dinheiro que recolhiam de empresários e com o apoio discreto e evidentemente ilegal das polícias militares desses dois estados. Os detalhes do Rio eu não conheço (o assunto está sob pesquisa e não posso assegurar nada sobre a extensão dos recursos paramilitares sob o comando de Lacerda), mas a situação de São Paulo eu conhecia muito bem. A Polícia Militar, que então se chamava Força Pública, era uma espécie de igreja ademarista, um culto ademarista, uma seita. Parecia que os oficiais da PM já nasciam ademaristas, como se estivessem no ADN. Se o Adhemar de Barros lhes dissesse: “Vocês peguem um carregamento de três mil metralhadoras e entreguem na rua tal número tanto”, eles fariam. E assim foram se construindo certas organizações paramilitares como por exemplo a PAB (Patrulha Auxiliar Brasileira), que era uma tropa de vagabundos e arruaceiros, lumpenproletários, exatamente como as tropas fascistas de Mussolini. Ora, eu não acredito que o fascismo seja o pior dos males, o fascismo é uma reação ao comunismo, o fascismo está para o comunismo assim como a febre está para uma infecção. O fascismo não é causa sui, não é ele que se produz a si mesmo, mas ainda assim é uma coisa bastante perigosa. Não sei medir a extensão destas tropas paramilitares fora de São Paulo. Na Paraíba certamente havia organizações desse tipo. Um historiador comunista chamado Moniz Bandeira, que apesar de comunista sempre me pareceu honesto no que escreve, diz que provavelmente havia na Paraíba por volta de dez mil homens armados. Muito bem, descobri essas coisas uns anos atrás, quando estava estudando para reescrever os capítulos finais de uma obra chamada “O Exército na História do Brasil”, publicada pela Odebrecht e pela Biblioteca do Exército. Na época que eu era um redator autônomo contratado pela Odebrecht, e um dos serviços que vieram parar na minha mesa foi o de corrigir o texto desse livro. O capítulo referente à Revolução de 1964 tinha muitas la-

cunas e decidi completá-lo por minha conta. Foi revirando livros e documentos, fazendo entrevistas com testemunhas da época que me dei conta dessas coisas, mas havia alguém que já havia descoberto tudo isso muito antes de mim: o então Gen Humberto de Alencar Castello Branco, em setembro de 1963, era chefe do Estado-Maior do Exército, e fez um discurso alertando seus companheiros para o perigo da proliferação de organizações paramilitares, que num momento de crise poderiam usurpar as funções das Forças Armadas. Ele não se referiu apenas à famosa organização de esquerda, os “Grupos dos Onze”, nem às Ligas Camponesas: ele falou no plural, sem mencionar cor ideológica, e subtendendo que quaisquer organizações paramilitares eram um insulto e um perigo para as Forças Armadas regularmente constituídas. Ora, eu vim a me preocupar com isto em 1996, o Gen Castelo Branco se preocupou em 1963: dá para medir o tamanho da minha sonolência, da minha burrice, da minha idiotice? Dá para vocês medirem o estado de hipnose em que vivi durante todos esses anos entre 1964 e 1996, para um dia acordar e ver que este homem já havia percebido tudo isso trinta e três anos antes? Muito bem, estavam lá os comunistas montando a sua revolução e os governadores direitistas montando suas tropinhas paramilitares de fascistinhas, a PAB tinha até aquela vestimenta cáqui, muito característica, que lembrava as camisas pardas das SA. Então, com um monte de comunistas armados de um lado e fascistas armados do outro, que é que ia acontecer? Certamente, a Noite de São Bartolomeu. Mas a direita sempre foi mais combativa, mais corajosa, e estava mais armada: isto quer dizer que se a iniciativa da reação aos comunistas dependesse exclusivamente dos líderes civis, não teria chegado um único comunista vivo ao fim do ano de 1964. A revolução comunista teria falhado. Os comunistas seriam derrotados, como o foram pelas Forças Armadas. Mas quantos eles

teriam matado e quantos deles teriam morrido? O número é incalculável, mas além disso ainda podemos compreender que, em plena época da chamada Guerra Fria, as duas grandes potências não duelavam

diretamente, mas sim através de situações exatamente como essa, montadas em países periféricos. Portanto, se houvesse uma guerra civil aqui, todo mundo iria querer ajudar os dois lados. Seria um festival de generosidade universal: os Estados Unidos mandando armas e assistência técnica para um lado e a União Soviética e a China mandando armas e assistência técnica para o outro. Seria uma efusão de bondade fantástica, como foi no Vietnã. E teríamos vivido este drama por uma década ou duas. Isto era o cenário que estava montado, isto não é uma conjetura feita a posteriori, isto eram os planos que já estavam em andamento de parte a parte. Na noite de 31 de março para 1º de abril, o que faz porém o Exército? Ele toma a dianteira, ocupa as ruas, desmonta a máquina comunista, coloca uma flocina nas tropas direitistas e por fim corta a cabeça dos seus líderes, primeiro encostando-os, depois chegando a cassar os mandatos de Adhemar de Barros e Carlos Lacerda, porém, antes mesmo disto, tomando uma medida mais decisiva ainda que foi criar a Inspeção Geral das Polícias Militares, com o que todas as polícias militares estaduais, virtuais colaboradoras das tropas paramilitares de direita do Brasil inteiro, foram submetidas diretamente à autoridade do Exército e voltaram à disciplina normal. Esta imensa operação de desmontagem de uma revolução esquerdista e de um aparato bélico direitista, quantas mortes custou? Duas, três, cinco no máximo. Quantas pessoas morreram em conflitos políticos entre 1964 e o fim do mandato do Mal Castelo Branco? Quantas? Cinco? Seis? Este foi o preço que nós pagamos pela desmontagem não só da maior máquina revolucionária já construída pelos comunistas em toda a América Latina, em todas as três Américas, mas também, pela desmontagem do aparato bélico de reação direitista civil, que simplesmente desapareceu da história e entrou no esqueci-



mento. Foi isto o que aconteceu em 1964. Quando vemos isto, só há uma coisa que podemos dizer: Foi absolutamente genial. Não é qualquer um que desmonta uma bomba desse tamanho com uma perda tão reduzida de vidas humanas, tão insignificante. É claro que depois houve alguma violência porque decorridos quatro anos a esquerda se rearmou e se lançou na aventura das guerrilhas. Em razão das guerrilhas morreram umas trezentas pessoas entre os guerrilheiros e duzentas pessoas do outro lado. Na pior das hipóteses, quinhentas pessoas – isto ao longo de mais de uma década, num país do tamanho de um continente. Este talvez tenha sido o preço mais barato em vidas humanas que qualquer regime do mundo já pagou pela reconquista da sua própria estabilidade. Nunca se deteve uma revolução comunista com tão poucas mortes. Ora, mas sempre vamos encontrar um engraçadinho para nos dizer: “Mas uma só morte já é revoltante!” Ora, nós sabemos perfeitamente que essa atitude é um teatro histórico, um fingimento. Quando se diz que um total de quinhentas mortes é menos grave que um de mil mortes – ou do que as dezessete mil mortes de adversários do regime cubano – aí já está implícito que todas as mortes são más. Só podemos fazer um cálculo do mal maior ou menor se já admitimos que ambos são males. Mas toda vez que se diz que aqui houve menos violência, que um adepto do regime sanguinário de Fidel Castro não tem autoridade moral para criticar o uso moderado que o nosso governo militar fez de uma violência que a própria esquerda inaugurou, sempre aparece um hipócrita, um sofista, um mentiroso comunista para fingir que é tão cristão, tão bondoso, que não admite a morte de um mosquito, e é precisamente esse tipo de calhorda que vem nos atirar ao rosto a bela frase: “Mas uma só morte já é revoltante!” Ora, qualquer principiante de lógica sabe que não é possível nivelar uma afirmação categórica e uma afirmação comparativa. Por exemplo, se digo que AIDS é mais grave do que gripe, não estou fazendo apologia da gripe, estou subentendendo que ambas são doenças, que ambas são males, não é isso? E, se um indivíduo ameaçado de AIDS descobre que tem apenas gripe e se regozija com isto, devemos concluir que ele gosta de gripe, que ele ama a gripe, que ele é um apologista da gripe e desejaria espalhar os germes da gripe no mundo? O alívio do mal menor será uma apologia do mal? Só um tipo perverso, como são intelectualmente perversos todos os comunistas sem exceção, pode fingir que acredita numa coisa dessas. Quando nós mostramos que o preço pago par este país para se libertar de uma guerra civil que provavelmente não terminaria nunca foi um preço baixo, sempre aparece não só um farsante para insinuar que adoramos pagar esse preço, mas também aparece sempre um engraçadinho que nos diz que o que estamos fazendo é “contabilidade macabra”. Qual de vocês já não ouviu esta expressão? Ora, todos sabemos que os comunistas odeiam “contabilidade macabra”. E porque a odeiam? Odeiam-na por um motivo muito simples. Odeiam-na porque toda soma do número

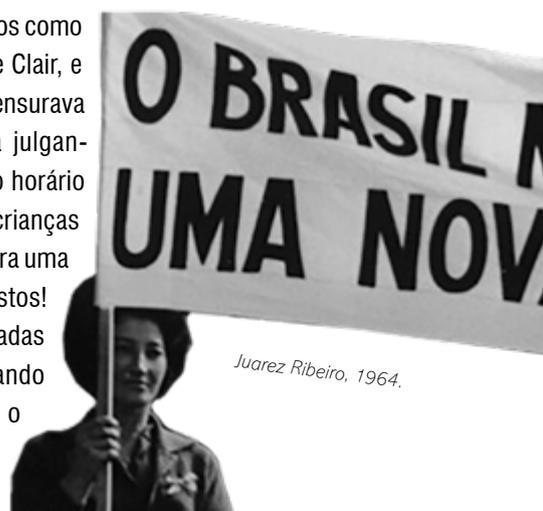
de vítimas mostra que eles são os maiores assassinos, que eles têm o primeiro prêmio do morticínio universal, que nenhum regime do mundo pode se igualar, em sanha mortífera, ao desses benfeitores do gênero humano. Se somarmos o número total de vítimas do comunismo neste século, vemos que é superior ao número de mortes de duas guerras mundiais, somado ao número de vítimas de todas as ditaduras de direita, mais o número total de vítimas de terremotos, enfartes e epidemias variadas. Isto não é força de expressão: é um simples fato, medido matematicamente. Ou seja, o comunismo foi o pior flagelo conhecido pela humanidade desde o dilúvio universal. Não há outro termo de comparação. A peste negra, proporcionalmente, foi menos grave do que o comunismo. Será que perdemos totalmente o senso das proporções? Ou será que o medo de sermos acusados de fazer “contabilidade macabra” nos toma cegos para as proporções dos males? Será que os defensores de urna ideologia tão assassina, tão intrinsecamente homicida, têm alguma autoridade moral para falar mal da nossa “contabilidade macabra”, coma se o feio, como se o mal, não estivesse em cometer os homicídios e sim em somá-los? Como se fazer cadáveres fosse menos grave do que contá-los Quem condena a “contabilidade macabra” é sempre aquele que tem mais crimes a esconder, que tem portanto uma boa razão para não querer fazer as contas. Pois a contabilidade, macabra ou não, mostra que num país de mais de uma centena de milhões de habitantes um governo militar conseguiu deter uma revolução sem fazer mais de cinco vítimas, e que em seguida esse mesmo governo conseguiu desmontar uma guerrilha sem matar mais de trezentos combatentes (perdendo ele próprio duzentos), enquanto na vizinha ilha de Cuba, em tempo de paz e sem ser desafiado por qualquer guerrilha, o governo comunista matava quase duas dezenas de milhares de pessoas. Não, macabra não é a contabilidade: macabro é o esforço de ocultar seus números.

Ora mas foi somente isso que aconteceu em 1964 – um movimento muito bem sucedido, que desmonta duas máquinas de guerra e devolve a paz à nação, com um número de perdas insignificante? Não! Em seguida, as pessoas que fizeram o movimento tinham de governar. Governar como? Tinham um programa? Tinham ao menos uma ideologia pronta? Não tinham. Tanto não tinham, que os governos nascidos da Revolução de 1964 tentaram, nos anos subseqüentes, duas políticas exatamente contrárias: primeiro uma política liberal internacionalista, com Castelo, e depois urna política estatizante nacionalista, com Geisel. Ou seja, eles tentaram as duas pontas do espectro ideológico que então havia no país. Isso prova que não tinham ideologia nenhuma. Ora, não ter ideologia nenhuma significa que esse movimento não foi feito para implantar uma ideologia determinada, mas que foi feito simplesmente para tirar o país de uma emergência catastrófica, e que, apesar de não se apresentar com programa algum, acabou tendo uma folha de realizações

bem superior, seja à da Era Vargas, seja à dos governos que lhe sucederam. Quais são essas realizações? Voltemos à definição: o movimento de 1964 foi um movimento de emergência para desmontar duas máquinas de guerra, para impedir que o país entrasse numa guerra civil e que em seguida mesmo não tendo ideologia nem planos definidos conseguiu – o quê? Vamos ver: em 1964, o número de pessoas que viviam na miséria, que viviam com menos de um salário mínimo neste país era de sessenta por cento da população nacional. Quando terminou o regime militar, eram vinte e poucos por cento. Ou seja, este regime que não tinha ideologia, que não tinha planos, que nem sabia o que haveria de fazer, conseguiu tirar da miséria quarenta por cento da população brasileira. O que são quarenta por cento da população brasileira? São, hoje, setenta milhões de pessoas, na época uns cinqüenta milhões. Ai é que eu me pergunto: Será que estamos todos dormindo? Será que não percebemos as coisas? Será que perdemos o senso das proporções? Digam-me vocês: Qual o regime do século XX, qual o plano econômico, por mais genial que fosse, seja o Plano Quinquenal de Stálin ou o New Deal de Roosevelt ou qualquer outro, que conseguiu retirar da miséria e deu condições de vida humana a 50 milhões de pessoas no prazo de uma geração? Quem fez isso? Quem pode se gabar de tanto? Nós conseguimos fazer. Quando digo “nós”, “nós, brasileiros, fizemos” – vejam que coisa irônica! – estou atribuindo a mim as obras e as glórias daqueles a quem eu abominava e a quem chamava de “gorilas”. E eles, os abomináveis gorilas, me deram a possibilidade de hoje poder dizer com orgulho: Nós, brasileiros, fizemos isso, nós tivemos a vitória – a maior vitória sobre a miséria que se conheceu no século XX. E será que temos motivo para sentir vergonha disso? Será que um daqueles meninos de quinze anos que eram meninos de quinze anos aos quinze anos e que agora aos cinqüenta e tantos continuam meninos de quinze anos, bobocas irresponsáveis e sobretudo mentirosos, será que um desses meninos tem autoridade para julgar e condenar o movimento que fez isso?

Quando nos perguntamos o que aconteceu em 64, foi isto. Houve prisões – houve torturas, houve mortes. Eu tive parentes que foram torturados, eu próprio passei muito medo e humilhações. Tive amigos que foram mortos. Um amigo querido meu, João Leonardo da Silva Rocha, apanhou tanto de alguns soldados que ficou louco. Nunca mais ficou bom. Mas eu teria de ser um monstro de mesquinha para condenar em bloco, por esses atos de violência, por revoltantes e intoleráveis que sejam em sua própria escala, um regime que salvou o país de uma guerra civil e que salvou cinqüenta milhões de pessoas da miséria. Porque ninguém conseguiu fazer tanto com tão pouca violência. Ora, falamos em trezentos, quatrocentos, quinhentos mortos! Quantas pessoas morreram nos Estados Unidos em conflitos políticos no mesmo período? Quantos negros foram espancados e mortos, quantos brancos assassinados em represália? E isto em plena vigência

da democracia, com todas as garantias da ordem jurídica, sem o perigo de uma guerra civil. Para matar quatrocentos, quinhentos ou trezentos, os americanos não precisam de uma guerra civil. Na guerra civil deles morreram cinco milhões – foi a maior guerra que o mundo conheceu até então. E o nosso regime, para parar uma guerra civil, e depois para desmontar a guerrilha, matou trezentos e perdeu duzentos. Devemos comparar os nossos militares aos governantes de outras nações, aos cubanos, aos espanhóis antepassados do Dr. Garzón que queimavam freiras em massa, aos americanos que se matam sem cessar, aos lindos lordes ingleses que nunca pararam de matar irlandeses, aos russos que mataram trinta milhões de seus compatriotas, aos chineses que mataram sessenta milhões, ou devemos compará-los a Deus e condená-los por não serem perfeitos? Se houve um governo humano que fez melhor, me mostrem qual. Sobretudo, se houve um governo comunista que fez melhor, me mostrem. Eu nunca vi. Mas todas estas coisas óbvias que estou dizendo parece que foram perdidas de vista, que se tornaram invisíveis e incompreensíveis, ofuscadas por tantas mentiras e tanto falatório comunista recompensado a peso de ouro por empresários de imprensa venais e irresponsáveis. E tudo isso foi perdido de vista por um motivo muito simples: esse governo militar, que era não opressivo, que não era um governo fascista, não tinha um dos principais traços que caracterizam todas as ditaduras e todos os movimentos fascistas: ele não tinha a menor vontade de inculcar uma ideologia na população. Ele não tinha nenhuma ideologia para inculcar. De vez em quando fazia uns cartazes, “Brasil, ame-o ou deixe-o”, ou mandava passar uns anúncios de suas realizações, uma estrada, uma usina, uma ponte – tudo com menos alarde e menos despesa do que qualquer governo civil antes ou depois dele. Isso foi tudo. Pergunto eu: Havia doutrinação fascista nas escolas? Havia um cinema doutrinário pago pelo governo para inculcar ideias fascistas na população? Não, o governo dava dinheiro para a oposição fazer filmes! Havia programas de TV martelando e martelando novamente o discurso oficial 24 horas por dia, como em Cuba e em todos os países comunistas e fascistas? Não! Não havia. As novelas, o gênero mais popular de TV, eram usadas pelo governo para transmitir propaganda ideológica? Não. As novelas eram todas escritas por comunistas notórios como Dias Gomes e Janette Clair, e quando o governo censurava alguma cena erótica julgando-a imprópria para o horário das oito quando as crianças estavam acordadas, era uma tempestade de protestos! Havia editoras dominadas pelo governo publicando material ideológico o



O BRASIL M
UMA NOV

Juarez Ribeiro, 1964.

tempo todo para inculcar a doutrina oficial na população? Não! Ao contrário, nunca o mercado de livros esquerdistas foi tão próspero – no mais das vezes com subsídios do governo – nas universidades só havia propaganda comunista e simplesmente não se notou um esforço ideológico por parte do governo. O único passo que o governo deu nesta direção foi a disciplina de Educação Moral e Cívica. Mas o que aconteceu com a EMC? Eu estava lá, “meninos, eu vi”. Eu vi isto acontecer. Eu vi o Partido Comunista decidir, muito simplesmente: colocaremos os nossos militantes em todas as cátedras de EMC e as transformaremos em canais de propaganda comunista. Assim disse e assim fez. O governo o impediu? Fez algo para impedir? Não! Além de dar liberdade para os comunistas fazerem o que fizeram, ainda criou instrumentos, financiou filmes comunistas, deixou comunistas ocuparem as cátedras de EMC, deixou que os comunistas tomassem toda a imprensa e toda a universidade onde hoje exercem cinicamente um poder de censura. Tudo isso aconteceu porque havia um cidadão chamado Golbery do Couto e Silva que acreditava numa tal teoria da “panela de pressão”. E o que era a panela de pressão? Era que, dizia ele, “não podemos tampar todos os buracos, tem de haver uma valvulazinha ...” E onde era essa valvulazinha? Eram as universidades e a cultura, o movimento editorial e o show business – eram todos os canais de comunicação das ideias. Tudo isso foi entregue pelo próprio governo nas mãos dos comunistas. Mas que bela teoria, hein? Era só o que os comunistas queriam. Era só o que eles queriam fazer, da sua derrota militar a sua vitória política, porque naqueles anos estavam começando a entrar no Brasil as obras do ideólogo italiano Antonio Gramsci. Este dizia adeus à teoria leninista da insurreição e criava uma nova estratégia baseada em duas coisas: de um lado, aquilo que chamava de Revolução Cultural, ou seja, o domínio do vocabulário, o domínio dos automatismos mentais, de modo que as pessoas, sabendo ou não, passem a falar e pensar como os comunistas e acabem aceitando o comunismo, com ou sem esse nome, como se fosse a coisa mais natural do mundo; de outro lado, o que ele chamava de a longa marcha da esquerda para dentro do aparelho de Estado, ou seja: ocupar todos os postos da burocracia. Lentamente, com muita calma, através de ocupação de espaço, de nomeações, até mesmo de concursos – por exemplo, o governo abre um concurso para a Polícia Federal

e, quando você vai ver, noventa por cento dos candidatos que se apresentam são comunistas, foram mandados ali para isso.

Ora que raio de governo fascista era esse, que não tinha militância, que não tinha partido de massas, que não tinha ideologia, que não tinha sequer

um programa de doutrinação das massas, um discurso para ser repetido nas escolas? É simples: esse governo nunca foi fascista. Foi um governo de emergência, que para impedir uma guerra civil e que chegou ali e teve de governar de alguma maneira, sem nunca ousar aprofundar sua intervenção na história brasileira, ao ponto de constituir uma legítima revolução. O movimento de 64 foi uma revolução? Eu acho que não foi. Também acho que disputar com os esquerdistas e insistir no termo “revolução” quando dizem que foi apenas um golpe é ceder a uma tábua de valores esquerdistas, a um vocabulário esquerdista. Porque para um esquerdista uma revolução é a melhor coisa do mundo. Comunistas é que adoram revoluções. Para que temos de imitá-los? O que temos de responder-lhes é: Vocês, comunistas, que façam suas revoluções. Nós fazemos coisas modestas, nas quais morrem menos gente, nós não somos assassinos profissionais, nós não estamos o tempo todo tentando virar o mundo de cabeça para baixo, nós só agimos na emergência para impedir catástrofes. Porque nós não somos como vocês, nós não temos a solução de todos os males, nós não somos o bem encarnado, nós não acreditamos que temos a verdade revelada que nos autorize a matar metade do mundo para salvar a outra metade. Em suma, nós somos gente, somos seres humanos, não somos anjos do Senhor como vocês, não temos autoridade para fazer a História à nossa imagem e semelhança, e por isto mesmo, ao tomar o poder em 1964, governamos com sabedoria, com paciência, com bondade, com brandura e sobretudo protegemos vocês contra a direita civil que queria matá-los. Se chegou um único comunista vivo ao fim de 1964, ele deveu isso a quem? Às Forças Armadas.

Isso foi o que aconteceu em 1964. Pergunto: onde estava eu? Eu estava dormindo. Dormindo no berço esplêndido da mitologia esquerdista, alimentado de palavras, sobretudo de adjetivos: “Fascista!”, “Explorador!”, “Imperialista!” Ah! Como essas palavras mexiam comigo! Como eram poderosas! Alimentando-me delas, pude passar muito tempo sem me perguntar o que acontecia na realidade. Quando finalmente – e a contragosto – descobri o que acontecera, eu me disse: que posso fazer agora? Eu não posso mudar o curso da História passada, mas posso dizer algumas coisas boas àquelas pessoas que participaram desses acontecimentos, que tiveram uma participação em 1964 e que ajudaram a construir o Brasil. Não adianta chegar hipocritamente para vocês e pedir desculpas. Não se trata disso. Mas há uma coisa que posso fazer. Posso lhes dizer: Não se envergonhem da sua obra. Levantem as suas cabeças, tenham orgulho e não permitam que nenhum hipócrita comunista venha se fazer de seu fiscal. Nunca, nunca cedam a sua dignidade ao falso moralismo da hora, nunca sacrifiquem aquilo que é elevado e digno em vocês àquilo que é baixo e vil num outro qualquer. Era isso que eu queria pedir a todos vocês. Muito obrigado ■





Tête de Méduse
Le Caravage



PENSAMENTO PERVERSO

Araken Hipólito da Costa

Cel Av

arakenhc@uol.com.br

O fascismo surge em 1910 como consequência do movimento socialista italiano. O fascismo caracteriza-se pelo Estado Totalitário, um ditador de plantão, voltado sobretudo à negativa da religião e a um sentimento nacionalista materialista, direcionado unicamente para o bem-estar econômico.

A revolução comunista não podia ser mais originária da classe proletária, tendo em vista que esta classe representava mais uma condição nacional do que internacional.

Por consequência, a ação revolucionária aconteceria por meio das nações. A disputa seria entre nações proletárias e capitalistas.

Os movimentos nacionais comunistas começam a despontar após a Segunda Guerra Mundial, quando se apropriam da ideologia fascista no tocante à centralidade do nacionalismo de origem totalitária.

Ao longo do tempo as lutas entre nações exploradas e nações imperialistas justificavam o sangue derramado para atingir os fins. Entretanto os resultados não eram convincentes, a exemplo de Cuba e tantos outros; não apresentavam melhoras tanto na vida social quanto na econômica.

A Escola de Frankfurt inicia-se como Instituto de Pesquisa Social, criado em 3 de fevereiro de 1923, pelo idealizador Felix Weil, participando também os marxistas Karl Korsch, Georj Lukács, Friedrich Pollock, Karl August Wittfogel e outros vinculados à Universidade de Frankfurt.

Com a nomeação de Max Horkheimer (1895-1973) para a direção do Instituto, reflete-se nele a sua profunda preocupação em integrar o nível macroteórico (produção capitalista) com o nível micro (indivíduo sexualmente reprimido), mediatizados pela estrutura familiar autoritária. O período de criação e consolidação marca uma teorização freudo-marxista de Reich e Fromn, cuja dinâmica se basearia em uma metodologia dialética, de inspiração hegeliana e marxista.

Em 1934, Horkheimer negocia a transferência do Instituto para Nova Iorque. Em 1940, Horkheimer e Theodor Adorno (1903-1969) se transferem para a Califórnia, onde se encontram com Bertholt Brecht (1898-1956) e outros intelectuais alemães e judeus refugiados. Os trabalhos da fase de emigração estão sob o impacto provocado sobre estes intelectuais europeus pela cultura americana, expressão máxima do capitalismo moderno e da democracia de massa.

A partir de 1950 o Instituto passa a funcionar em sua velha sede em Frankfurt. Do grupo destes intelectuais, Herbert Marcuse (1898-1979) decidiu ficar nos Estados Unidos, onde assumiu uma cátedra na Universidade de Brandeis, Califórnia, permanecendo lá mais precisamente até sua morte, em 1980.

O movimento de maio de 68 em Paris fundamentou seu protesto revolucionário nas reflexões críticas de Marcuse, Adorno e

Horkheimer. Apregoavam a longa marcha contra instituições burguesas, começando pela destruição da família e do Estado autoritário.

Passados esses conflitos e de outros movimentos estudantis, cabe a Jürgen Habermas a liderança da teoria crítica, notadamente em suas reflexões em torno dos problemas da legitimação do Estado Moderno.

A Escola de Frankfurt depreendeu que as condições do sistema capitalista estavam se resolvendo e não apresentavam muitas contradições. Horkheimer admite que o capitalismo conseguiu produzir um excedente de riquezas que desativou o conflito de classes. Para confrontar o capitalismo, procuram outra visão que pudesse contrapô-lo.

Nasce então a dialética negativa (1965 – Adorno), estruturada nas seguintes direções:

- Todas as relações devem ser destruídas;
- Via-se o mal em tudo;
- Crítica radical de tudo que havia no sistema capitalista.

Para se ter ideia destes pesquisadores marxistas da Escola de Frankfurt, mesmo vivendo em território americano, faziam críticas à sua democracia, equiparando-a à sociedade alemã nazista. Eles faziam crítica a tudo, posicionando-se acima de todos, como se fossem deuses. Embora Deus seja para nos salvar e não para criticar.

A posição dos pensadores da Escola de Frankfurt é demoníaca, pois só há direitos e nunca deveres; propaga o mal acima de tudo e, ao mesmo tempo, não se é julgado e nunca se é examinado. Adorno, um destes expoentes, quando seus alunos invadiram sua sala, ficou extremamente incomodado, porque não imaginava ser questionado. Difícil encontrar livros críticos à Escola de Frankfurt no meio acadêmico.

Assim, a dialética negativa proporcionou ao comunismo refazer-se, renovar o movimento, criando uma nova revolução. Esta dialética vive da destruição de valores e relações. Há o monopólio da crítica, não pode ser acusado e se impede de falar; não existe liberdade de imprensa. É o mal permanente, em que o fracasso tornou-se sucesso.

Conforme Antonio Gramsci (1891-1937), em primeiro lugar, deve-se atingir a cultura, pois permite impor o comunismo sem contestação da sociedade. Na educação, a facção comunista apoderou-se dela e quando há uma reação contrária, logo reage como se estivesse tentando ideologizar a educação. A dialética parte da premissa de que jamais será interrogada. Obtém muitos adeptos, pois não precisam estudar, basta aceitar e tornarem-se julgadores. Psicologicamente são jovens que não querem ser adultos, os eternos revolucionários que não enxergam a realidade, veem o mal nos outros e intitulam-se progressistas.

Outro aspecto importante a relatar é que estes pensadores contemporâneos procuram difamar ou mesmo anular a verdade desvelada pela união da razão e da fé. Tomás de Aquino estabeleceu de maneira sistemática a unidade entre fé e razão, que

foi destruída pelos novos passos dados pelo iluminismo. Como etapas dessa separação, podemos evocar Descartes, Spinoza, Kant e a tentativa de uma nova síntese global feita por Hegel, que não devolve à fé o seu correto lugar filosófico, mas tenta transformá-la totalmente em razão e suprimi-la como fé. A esse caráter absoluto do espírito, Marx contrapõe a unidade da matéria; a filosofia deve reduzir-se totalmente às ciências exatas. Então, só o conhecimento científico exato é conhecimento. O pensamento do divino é, assim, eliminado.

A dialética negativa é um pensamento perverso, porque não procura amar seu semelhante, prefere direcionar o mal para dissolver a família e, como decorrência subverter a ordem social, dilacerar as sociedades e promover a discórdia entre as nações. Por tudo isto, o mal desta dialética negativa é produzir crimes contra a sociedade, os quais devem ser cobrados. Não podemos aceitar essas ideologias negativas como se fossem políticas governamentais, assim como o Foro de São Paulo, inserido em 1990 pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e cultuado pelo ex-presidente Lula (PT), deixando marcas danosas no Brasil. Devemos lembrar que, se perdermos a nossa liberdade pessoal, depois podemos perder a política.

Aos traidores da pátria, comunistas, apátridas, internacionalistas, globalistas, lembro que o povo brasileiro teve seus fundamentos na educação familiar, na orientação cristã e na consolidação dos valores nacionais, e lutará sempre para manter sobre a proteção de Deus a nação livre, soberana, assim como a vontade de manter a paz com todas as nações ■



HEROÍSMO: DEU A VIDA PARA SALVAR UMA CRIANÇA

Sérgio Pinto Monteiro

Ten His

monteirosp007@hotmail.com

A

data de 30 de agosto de 1977 certamente não será lembrada na grande mídia nacional, mais dedicada às “comemorações” do número crescente de vítimas da trágica pandemia que ora nos assola. Naquele dia, a nação viu partir mais um dos heróis brasileiros, cujo supremo sacrifício para salvar

uma vida permanecerá nas brumas do esquecimento da imprensa e do meio acadêmico, como o de tantos outros mártires da pátria.

Naquele dia 27 de agosto, há 43 anos, um militar brasileiro, o jovem Sgt Sílvio Delmar Hollenbach, de apenas 33 anos, juntamente com a esposa, Eni Teresinha, e os quatro filhos do casal, na época com idades entre um e sete anos, deixaram a residência em Brasília para um programa típico das famílias de brasileiros mais simples. O Jardim Zoológico, que iria verdadeiramente encantar as crianças. A crueldade do destino submeteu todos eles à visão de uma cena dantesca, que três dias depois de uma indescritível agonia no Hospital das Forças Armadas, levaria o militar à morte. Deslocando-se de carro no interior do Zoológico, o Sargento Hollenbach viu quando o menino Adilson Florêncio da Costa, de 13 anos, caiu no interior do tanque das ariranhas. Sua família, horrorizada, não pôde impedir que o bravo sargento abandonasse o veículo e se atirasse no poço para resgatar a infeliz criança. Foram minutos de intenso pavor, quando o heroico militar teve de enfrentar as ferozes ariranhas, quando recebeu mais de uma centena de mordidas e arranhões por todo o corpo. Ao conseguir resgatar o menino e salvar-lhe a vida, o Sgt Hollenbach cumpriu a sua mais nobre missão na Terra. Os esforços das equipes médicas do Hospital das Forças Armadas não conseguiram preservar-lhe a vida. Morreu como um bravo. Lamentável que o seu sacrifício, pouco ou quase nada, será lembrado na data de 30 de agosto.

Em homenagem ao militar, o zoo de Brasília passou a se chamar oficialmente Jardim Zoológico Sargento Sílvio Delmar Hollenbach. Além disso, o gesto de coragem ficou eternizado com a construção de um pequeno monumento, com o busto de bronze do herói desaparecido. Nascido em Cerro Largo (RS), o 2º Sgt do Exército Sílvio Delmar Hollenbach sentou praça em 15 de maio de 1962. No ano seguinte foi promovido a cabo. Chegou à graduação de 3º Sgt, em 29 de novembro de 1965, e a 2º Sgt, em 30 abril de 1970. Quando faleceu, o Sgt Hollenbach, que era do Serviço de Intendência, servia no Hospital das Forças Armadas.

O filho mais velho do sargento, o médico Sílvio Delmar Hollenbach Júnior, certamente optou pela medicina inspirado na sublime motivação do pai em salvar vidas. Fez residência no

Hospital das Forças Armadas, onde seu pai faleceu. Outro filho, Paulo Henrique, é analista de sistemas no Banco Regional de Brasília. Bárbara Cristine é advogada em Porto Alegre. Débora Cristina é professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Há ruas com o nome do herói em Santo André (SP), Cascavel (PR), Bertioga (SP), Rio de Janeiro (RJ), Porto Alegre (RS), Recife (PE) e em Blumenau (SC), sendo que nesta última cidade o logradouro tem o nome de Ten Sílvio Delmar Hollenbach. Em Cerro Largo (RS), sua cidade natal, foi homenageado no município com o nome de uma escola estadual. O auditório do Hospital das Forças Armadas (HFA), em Brasília, recebeu seu nome como homenagem póstuma.

E o que aconteceu com a criança salva pelo Sgt Hollenbach? Tristemente, ao que se sabe, Adilson Florêncio da Costa, hoje com 56 anos, foi preso em 2016 pela Polícia Federal acusado de corrupção na Operação Recomeço. Conforme noticiado na ocasião, ele responderia por desvios no fundo de pensão Postalís, dos Correios, onde fora diretor financeiro. “Um dos alvos da Polícia Federal na investigação que apura um rombo de R\$ 6 bilhões no fundo de pensão dos funcionários dos Correios é Adilson Florêncio da Costa; o menino resgatado aos 13 anos pelo sargento Sílvio Delmar Hollenbach, que, em 27 de agosto de 1977, se jogou no tanque das ariranhas para salvá-lo no Jardim Zoológico de Brasília. Essa é a segunda vez que os investigadores miram em Adilson. Ele foi preso em junho de 2016, por supostamente integrar um esquema que desviou R\$ 90 milhões do Postalís e da Petros, os fundos de pensão dos funcionários dos Correios e da Petrobras.”

Entretanto, e apesar desses fatos lamentáveis, a família Hollenbach não duvida que Sílvio ajudasse o menino novamente, mesmo se soubesse do destino de Adilson. “Não importa quem seria. Ele viu uma criança precisando de ajuda e se esforçou para ajudá-la”, afirmou o filho médico, Hollenbach Júnior. Adilson e a família do homem que salvou sua vida nunca se encontraram e ela jamais recebeu dele um simples agradecimento.

Neste dia 30 de agosto de 2020, a lembrança do heroico Sargento Hollenbach e do seu sublime sacrifício, nos remete ao enorme “apagão” cívico e cultural imposto ao Brasil e à nossa juventude, por anos a fio de degradação provocada por sucessivos governos impatrióticos e corruptos. Juntos, haveremos de recolocar no país os princípios e valores que forjaram a nacionalidade de tantos bravos, como o Sgt Sílvio Delmar Hollenbach, que não serão esquecidos jamais.

MISSÃO CUMPRIDA, HEROICO SGT HOLLENBACH! MINHA CONTINÊNCIA!

CULTURA

Frederico José Bergamo de Andrade

Cel Art

olgaefred@hotmail.com



Apaporu - Tazila do Amaraí

1. RESUMO INTRODUTÓRIO

Tema de extraordinária amplitude. Abordá-lo de forma sumária requer um proveitoso exercício de concisão. Nesse sentido, escolhas se fazem necessárias para a formatação de um conteúdo, a ser estruturado por assuntos, da seguinte maneira:

No item 1: um resumo introdutório;

No item 2: breves considerações sobre como a cultura poderá vir a contribuir para a riqueza espiritual e material da nação brasileira a partir dos fatores de produção (natureza, capital, trabalho) de que o Brasil largamente dispõe;

No item 3: apresentação sobre a riqueza espiritual do Brasil, ressaltando-se a importância da família e da religião cristã para a cultura ocidental e, por consequência, para a brasileira, tendo como suporte o pensamento de consagrados autores estrangeiros;

Nos itens 4 e 5: apreciação sobre aspectos da cultura propriamente dita, aplicando-os, sempre que possível, à realidade brasileira;

Nos itens 6 e 7: apreciação sobre a religiosidade e a arte como expressões culturais brasileiras;

No item 8: na conclusão, uma reflexão sobre o cenário cultural contemporâneo.

2. SOBRE A RIQUEZA

Entenda-se por riqueza tudo aquilo que, em menor ou maior escala, contribui para satisfazer as necessidades humanas, quer sejam elas materiais ou espirituais.

Muitas são as fontes culturais que podem vir a contribuir para suprir as necessidades de uma nação. Uma delas seria a partir dos fatores da produção, que trazem em si embutidos recursos naturais e humanos (culturais) a serem explorados.

O Brasil é um dos países do mundo que melhor pode explorar os seus fabulosos fatores da produção (natureza, capital, trabalho) e, a partir deles, produzir riqueza. São os fatores da produção que determinam a potencialidade econômica de uma nação. Um deles é o trabalho. Quanto maior for a população de um país, maior será potencialmente a sua força de trabalho, que poderá ser traduzida em recursos humanos. Esses, ao exemplo dos recursos naturais, se bem explorados, poderão trazer uma efetiva contribuição à riqueza nacional.

Outro agente da produção é o capital. Diz respeito a todo bem econômico suscetível de ser aplicado à produção ou a toda riqueza empregada para fornecer renda. É o caso de um produto cultural que, como bem econômico, possui valor de mercado que o torna passível de ser comercializado. Quando assim considerado, uma obra de arte é comumente levada a leilão e arrematada frequentemente por elevadas quantias.

O produto cultural, propriedade intelectual, garante por lei, ao seu criador, direitos autorais que podem se traduzir em ganhos materiais.

Desde o início deste século a produção audiovisual brasileira vinha se expandindo gradativamente. Seria válido atribuir-se, pois, uma tendência de crescimento de produtos culturais em nossa pauta de exportação comercial, o que certamente virá a contribuir para a riqueza material da nação brasileira.

3. SOBRE A RIQUEZA ESPIRITUAL

O Brasil já é culturalmente rico. Deverá sê-lo ainda mais por força de suas potencialidades em recursos humanos. Entretanto pairam ameaças sobre este futuro. Ideias-forças ditas progressistas, de viés materialista, atentam contra o enriquecimento cultural, os valores da família tradicional e os fundamentos cristãos da sociedade brasileira.

A língua, a família e a religião são componentes essenciais de uma cultura. Os valores espirituais de uma sociedade, muitos traduzidos em seus códigos, em suas leis, têm como alicerce uma base religiosa; no caso do Ocidente, a do cristianismo.

Muitos apontam a mídia televisiva como a maior propagadora de ideias culturalmente nefastas e destrutivas. O sociólogo Octávio Ianni nos alerta: “A opinião pública brasileira é formada em uma parte importante pela televisão, sobrepujando igrejas e confissões, universidades e congressos, movimentos sociais e partidos políticos”.

Do livro “A Civilização do Espetáculo”, de Mario Vargas Llosa, cito, a propósito, um pensamento do seu autor: “A cultura se transmite através da família e, quando esta instituição deixa de funcionar de maneira adequada, o resultado é a deterioração da cultura”.

T.S. Eliot nos adverte quanto à importância capital dos valores do cristianismo para uma cultura à qual, nós, por extensão, pertencemos. Nossas artes desenvolveram-se dentro do cristianismo. As leis até há pouco enraizavam-se nele, e foi sobre o pano de fundo do cristianismo que se desenvolveu o pensamento europeu. Um europeu pode não crer que a fé cristã seja verdadeira, mas, mesmo assim, o que ele diz, aquilo em que acredita e o que faz provém da fonte do legado cristão, e seu sentido depende dele. Só uma cultura cristã poderia ter produzido Voltaire ou Nietzsche. Não acredito que a cultura da Europa sobrevivesse ao desaparecimento da fé cristã.

O processo criativo que possa vir a configurar uma cultura não pode ser maculado por elementos não compatíveis com os princípios e valores que lhe deram origem, a não ser que isso constitua uma tentativa de se impor UMA NOVA CULTURA.

4. CONCEITOS UNIVERSAIS

A cultura admite as mais diversas conceituações, não só quando considerada em seu sentido mais amplo, mas também quando respeitada as suas peculiaridades. Optei por selecionar a respeito algumas citações de pensadores reconhecidos pela intelectualidade internacional, pelo vasto conhecimento que revelaram possuir sobre a cultura. Consta do livro “Cultura, um Conceito Antropológico”, de Roque de Barros Laraia (2009),

a seguinte citação: “No final do século XVII e no princípio do seguinte, o termo germânico *kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *civilisation* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Taylor (1832-1917) no vocábulo inglês *culture*, que tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Com essa definição, Taylor abrangia em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter do aprendizado da cultura em oposição à ideia de aquisição inata transmitida por mecanismo biológico.

Por sua relação com o texto conceitual anteriormente citado, transcrevo o publicado na “Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo” (ÁVILA, 1972): “Hoje vem se vulgarizando, contudo, uma distinção entre civilização e cultura, atribuindo-se o conceito de civilização ao conjunto de criações materiais e reservando-se o conceito de cultura ao conjunto de criações imateriais, como crenças, mitos, lendas, religiões, filosofias, sistemas jurídicos, enfim, todo o patrimônio de ideias de uma época ou de um povo”.

O elevado número de interpretações do conceito de cultura, das quais selecionamos umas poucas, resulta em que não exista absoluta concordância entre elas. É a seguinte a de Mario Vargas Llosa: “A cultura não é somente a soma de diversas atividades mas um estilo de vida, uma maneira de ser em que as formas têm tanta importância quanto o conteúdo”.

Por oportuno, no entanto, transcrevo uma citação do pensador e escritor argentino Ernesto Sabato: “Nenhuma manifestação cultural da História é original nem completamente autóctone”, ou seja, provinda de um só povo. O que significa dizer que todo produto cultural pode ser elaborado a partir das mais diversas influências.

Nacionais

A cultura nacional resulta principalmente da herança espiritual que lhe foi legada pelos valores e princípios da civilização ocidental, de inspiração judaico-cristã. Sendo o Brasil um país continental é, por consequência, um arquipélago cultural. Todas as ilhas desse arquipélago são impelidas para um único espaço cultural, de âmbito nacional, por força da atração exercida pela língua portuguesa e pela religião cristã. São ainda essas ilhas que, por suas especificidades regionais, alimentam e enriquecem o todo da cultura nacional.



Modernamente, por razões comerciais, há um esforço de padronização cultural empreendido por uma mídia, principalmente a televisiva, que tem seu epicentro no sudeste do país.

As raízes da cultura brasileira desembarcaram, no que seria o Brasil, com as naus de Cabral. As cruzeiros do seu velame, herança dos cavaleiros templários, anunciavam que suas grandes aventuras ultramarinas tinham como proposta espiritual maior a expansão do cristianismo.

Posteriormente os índios e os negros vieram a dar suas contribuições a uma cultura que, no entanto, até os dias de hoje conserva-se predominantemente lusitana. A língua do Brasil é a portuguesa. A religião predominante é a cristã.

Sobre a cultura brasileira, cito o seguinte texto de autoria de Adolpho Crippa, constante do livro “As Ideias Filosóficas no Brasil – séculos XVIII e XIX”: “A cultura brasileira não pode ser senão uma consequência da cultura que formou o ocidente. (...) como toda a cultura americana, emana do paideuma criador da cultura greco-latina-germânica cristianizada, configurando-se suas realizações históricas dentro do estilo singular dessa cultura”. Entenda-se por paideuma a união de culturas diversas através de um longo processo histórico para dar origem ao ser que hoje nos constitui como nação e como povo.

No caminho percorrido ao longo dos séculos pela cultura brasileira, considere digna de menção a Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, em 1922, movimento nacionalista que questionava a dependência da referida cultura a padrões europeus. Torná-la soberana, livre de qualquer influência externa, especialmente as provindas da França, era a intenção da intelectualidade de então. A esse respeito, assim se manifestou Vicente Ferreira da Silva: “É certo que houve no decurso deste século alguns movimentos de ruptura com a vertente europeia, movimentos como a Antropofagia e o Pau Brasil, oriundos da Semana de 22 e que se esforçaram por plasmar uma pretensa autarquia espiritual do Brasil. No fundo, constituíam um mero repetir de coisas europeias.

5. VARIANTES CULTURAIS

Propositadamente deixei para abordar por último os entendimentos sobre cultura erudita e cultura popular por considerar que essas culturas são as que mais contribuem para as riquezas espiritual e material da nação brasileira.

Por variantes culturais entenda-se a cultura didaticamente classificada por determinadas especificidades. Apropriadamente ou não, batizei-as todas de cultura. Algumas delas, porém, melhor seriam consideradas se o fossem como um mero padrão de comportamento ditado pelas circunstâncias que as envolvem.

Cultura de massa

É imposta pela indústria cultural. É a cultura para o consumo das massas. Os produtos culturais fabricados em série se transformam em mercadorias, massificando-se para consumo

rápido. Para essa cultura são essenciais a produção industrial maciça e o sucesso comercial.

Cultura do entretenimento: da diversão

Manifesta-se comumente em comunhão com a cultura de massa. Conhecida também pela expressão da língua inglesa *show business*. Pelo valor comercial, alguns desses seus produtos figuram, com destaque, na pauta de exportação, contribuindo expressivamente para a riqueza material da nação. Atualmente é difícil pensar-se em uma cultura que seja dissociada do mercado. A produção brasileira de obras de entretenimento cresce a cada ano.

Cultura do consumismo

É como um vírus potencialmente capaz de contagiar todos os seres humanos. Interfere negativamente no componente social de qualquer proposta filosófica ou doutrinária de ação política. No capitalismo, aprofunda as desigualdades sociais. No socialismo, dificulta o estabelecimento de uma sociedade igualitária.

Cultura do permissivismo

A ruptura com determinados valores de natureza ética, religiosa, transcendental, que faziam parte da chamada moral burguesa, o que ocorreu aproximadamente a partir dos anos 60, época do advento da pílula anticoncepcional, inspirou novas formas de comportamento antissociais amplamente alimentados pela mídia. Herbert Marcuse, filósofo e figura de destaque da Escola de Frankfurt, crítico intransigente da cultura e da civilização burguesa torna-se, principalmente para a juventude, uma espécie de guru de uma nova era. Tendo como pano de fundo a Guerra do Vietnã, o festival de Woodstock foi então transformado no santuário do movimento hippie. É proibido proibir! Gozava-se da sedução do contra. Contra os poderes constituídos, contra a cultura dominante.

Uma nova cultura pela qual os sentidos deveriam ser privilegiados com o máximo de satisfação possível, fosse pela droga, fosse pelo sexo, fosse pelo rock'n roll, fosse de outra forma qualquer, passaria a ser propagada intensamente pela mídia. E assim surge a cultura do permissivismo, onde nada constrange, tudo é permitido.

Cultura urbana

Convivendo com a exclusão e com as desigualdades sociais, os grandes centros urbanos brasileiros, em maior número debruçados sobre o litoral atlântico, são mais sensíveis às influências culturais externas, entre as quais avulta a da cultura popular norte-americana. Exemplo: o Rio de Janeiro, que possui uma Zona Sul predominantemente branca, rica, de uso, gostos, costumes e padrões de consumo que mais se identificam com os da classe média e alta de países ricos do Hemisfério Norte.



Cultura interiorana

Ao caminharmos para o interior do Brasil, especialmente do Norte ou do Nordeste, vamos nos deparar com um meio rural pobre, roceiro, caipira, porém, provavelmente, mais brasileiro, porque é mais resistente às influências externas. No pensamento de Euclides da Cunha, expresso no início do século passado, a força da cultura brasileira provinha muito mais do interior do Brasil do que do litoral.

Cultura erudita

É aquela manifestada por um setor da sociedade dotado de um maior volume de conhecimentos acumulados. Provém de uma elite pensante. Tem um sentido mais amplo no espaço e no tempo, mais universal. Transcende o tempo presente e continua viva para as gerações futuras. É a responsável pelas grandes transformações políticas e sociais que o mundo já experimentou.

A alma brasileira se expressa com intensidade e com grande amplitude universal em obras de arte do campo musical, da literatura e das artes plásticas. Não só os brasileiros as escutam, as leem e as contemplam com a mais viva emoção. Exemplos de como manifestações da cultura brasileira são bem acolhidas e valorizadas no exterior:

- A cantilena da Bachiana nº 5 de Heitor Villa-Lobos interpretada pela Filarmônica de Berlim, tendo como solista a soprano mexicana Ana Maria Martinez, na Alemanha, em espaço aberto, para uma multidão de milhares de pessoas;
- O poema “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, musicado por Chico Buarque de Holanda, encenado nos mais importantes palcos do mundo para as mais seletas plateias;
- O filme “Central do Brasil”, dirigido por Walter Salles, de grande repercussão mundial, vencedor do Urso de Ouro do Festival de Berlim, estrelado por Fernanda Montenegro,

indicado nos EUA para concorrer ao Oscar de melhor filme estrangeiro e ela de melhor atriz;

- O quadro Abaporu de Tarsila do Amaral, exposto hoje no Museu de Arte Latinoamericana de Buenos Aires (MALBA), arrematado no mercado de arte por uma quantia fabulosa. Recentemente outra tela de Tarsila foi vendida por cinquenta e sete milhões e quinhentos mil reais.

Cultura Popular

Mais regionalizada, menos universalista, até por isso permite desvendar melhor a alma de um povo. Abordaremos exclusivamente a brasileira. Sua cultura popular “autêntica ou de raiz” seria o conjunto de criações imateriais providas do povo, ou seja, daquela camada mais humilde e menos instruída ainda predominante em nossa população, expresso através da música, do cordel (literatura, xilogravura, poesia), de “causos”, da dança, de folgedos, do artesanato. Trata-se de uma expressão artística que se manifesta através de uma linguagem mais acessível ao entendimento e ao gosto das camadas populares. Do povo para o povo. Ressalvo, porém, e por isso usei da expressão “autêntica e de raiz”, que muitos dos que se dedicam à criação do que é rotulado como popular, principalmente no campo musical, são detentores de elevado nível de erudição.

A cultura popular brasileira é muito rica e diversificada. Entre suas múltiplas manifestações poderíamos assinalar, entre outras:

- de origem negra: o maracatu de baque virado; a capoeira; a congada; o coco; o carimbó; o maculelê; o samba, no qual predomina o batuque e a percussão; os ritos africanos com suas diversas denominações: xangô, candomblé, umbanda etc.; o acarajé; o vatapá etc.;
- de origem indígena: os caboclinhos; os caboclos de lança; as tribos carnavalescas; a farinha de mandioca; a tapioca; o artesanato etc.;
- de origem ibérica: o romanceiro, ou seja, tanto a poesia popular (cordel) como a improvisada, tipo desafio entre cantadores; a cavallhada, presente nas festas religiosas; o fandango e suas variantes; a marujada, a nau catarineta, que exploram a guerra entre cristãos e mouros; o reisado, grupos que festejam o Natal e Reis; também do ciclo natalino, o pastoril; a chegança; a chimarrita; as cirandas pernambucanas; as inselências (cerimonial de velório); o bumba meu boi;
- de origem italiana: *la ursa*, personagem do carnaval do Recife; o mamulengo, o teatro de bonecos inspirado na comédia de arte.

Observações:

Muitos dos produtos culturais populares são vendidos em feiras livres ou em lojas de artesanatos e contribuem, dessa forma, para o sustento dos seus artesãos e dos seus familiares;

Algumas dessas manifestações, como exemplo o frevo pernambucano, foram classificadas pela UNESCO como patrimônio imaterial da humanidade;

Destaque para as escolas de samba, verdadeiras óperas populares ao ar livre, que atraem com seus desfiles anuais carnavalescos turistas de todas as partes do mundo;

A MPB, ao introduzir através da bossa nova elementos jazzísticos ao samba, tornou-se um dos gêneros musicais mais apreciados do mundo.

Religiosidade

Abri este título, referente ainda à riqueza espiritual brasileira, porque considerei ser merecedor de um especial destaque. De certa forma nos remete ao pensamento de T.S. Eliot expresso na introdução deste trabalho, quando ressalta a importância da fé cristã para a civilização ocidental.

O povo brasileiro é, à sua maneira, profundamente religioso, inspirado principalmente pela fé cristã. Entretanto sua credence popular o leva a um sincretismo religioso que tem por base a miscigenação étnica e cultural presente no seu processo de colonização.

Alguns santos da Igreja Católica gozam de especial devoção popular. São Jorge, Santa Bárbara e São Sebastião têm seus correspondentes nos orixás dos ritos africanos. Também de grande devoção popular são os santos do ciclo junino, com destaque para Santo Antônio, o casamenteiro, tradição de origem ibérica.

Digna de realce é a devoção ao Padre Cícero Romão Batista. Anualmente, milhares de romeiros dirigem-se a Juazeiro do Norte (Ceará), para render homenagens a meu "Padinho Padre Cícero". Outras romarias que merecem ser ressaltadas são as de Nossa Senhora da Aparecida, padroeira do Brasil, e a do Círio de Nazaré, em Belém do Pará.

Tentar extirpar do povo brasileiro a sua fé cristã é arrancar-lhe a sua alma, desfigurar a sua identidade.

6. ARTE NO BRASIL

A arte no Brasil, representada entre outras manifestações por suas cidades históricas, reconhecidas algumas como patrimônio da humanidade, por suas igrejas barrocas, por um templo, monumentos e símbolos de inspiração positivista, pela mais antiga sinagoga das Américas, pelo Cristo Redentor do Corcovado, considerado uma das sete maravilhas do mundo contemporâneo, por sua arquitetura arrojada e modernista, pelo rico acervo dos seus museus, por suas muitas fortalezas coloniais, por sua cerâmica marajoara, por sua viola caipira, por sua rabeça armorial, por seus cantos, danças e gênero musicais originalíssimos, alguns dos quais considerados patrimônios imateriais da humanidade, por suas pinturas e murais modernistas de cores vivas que celebram a brasilidade, por seus poetas populares, desperta a admiração do mundo e atrai anualmente milhares de turistas, o que vem a proporcionar um grande afluxo de capitais para o país.

7. CONCLUSÃO

A contracapa do livro "A Civilização do Espetáculo", de Vargas Llosa, ao sintetizar o pensamento do seu autor nos adverte quanto à atualidade cultural: a banalização das artes e da literatura, o triunfo do jornalismo sensacionalista e a frivolidade da política são sintomas de um mal maior que afeta a sociedade contemporânea, ou seja, a ideia temerária de converter em bem supremo nossa natural propensão a nos divertirmos.

Ressalto, porém, que o mundo da diversão, do entretenimento, não é somente frívolo e pacífico, mas pode vir a ser extremamente belicoso. Muitos são os filmes, jogos, novelas, informativos televisivos e até mesmo brinquedos e desenhos animados infantis que fazem a apologia da violência.

O que a civilização do espetáculo nos parece dar a entender é que o processo de desenvolvimento cultural da humanidade passa por um retrocesso, e que a atmosfera cultural que respiramos está hoje mais pobre e poluída do que estava no passado. A cultura estaria atravessando uma profunda crise.

Mesmo sujeito a influências nefastas providas do ambiente cultural contemporâneo, o Brasil ainda pode ser considerado como um extraordinário mundo mítico e espiritual.

Enriquecê-lo culturalmente ainda mais não é somente possível, como desejável, desde que consoante os valores culturais que lhe foram secularmente legados ■





CORES, CULTURA E MESTIÇAGEM

Afonso Farias de Sousa Junior

Cel Int

afonsofariasjunior@gmail.com

Muitas crianças dos anos 1960/70 conviveram com diversos tipos de brasileiros, em termos de cor, etnia, religião, orientação sexual etc.

Aquelas crianças são os cinquentões/sessentões de hoje. Representam muitos chefes em várias áreas e segmentos empresariais, assim como na atividade pública. São homens e

mulheres, profissionais diversos – casados, solteiros/divorciados, pais, mães e avós.

Grande parte desses infantes dos anos 60 conviveu com as transformações intensas dessa década. Liberdade, utopias, calça jeans, macacão Lee, cabeludos, música, protestos irreverentes e tricampeonato do mundo iniciando os anos 70. A formação



Operários - Tarsila do Amaral

sócio-comunitária foi permeada por confrontos e conflitos, sonhos e realidade, paz e guerra.

Quando se assiste documentários da época, pode-se perceber o povo multiétnico que habitava as cidades. Negros, brancos, asiáticos e indígenas representados no mestiço brasileiro. Unidos, irmanados na miscigenação própria do desenvolvimento plural dos nativos nacionais.

As universidades repletas de estudantes de todas as cores e gostos. O campinho de futebol da esquina, cheio de jogadores de pele multicolor, e apenas preocupados em ganhar aquela contenda – espaço de terra, de traves pequenas, mas de canelas habilidosas – muitos até apareceram como profissionais em times de grande representação nacional.

Tertúlias, bailecos e festinhas explodiam pelos bairros. Todos queriam saber onde seria o próximo evento. Rum, refrigerante, laquê, vestidos rodados, cuba libre, anáguas, corpete, lambretas,

jeep Willis, rural, chaneis e lancasteres perfumando o ambiente, o leite de colônia e de rosas proliferando, o phebo e o lifeboy muito utilizados. Era assim, simplicidade – poucas opções e muita disposição.

Morenos, mulatos, quase negros e quase brancos, identificados na cultura da mestiçagem, pululavam pelas ruas, praias, praças e demais espaços. Amavam-se, namoravam, seres apaixonados. Viviam seu tempo, sem muita pressa e complexidade.

Escolas técnicas ou militares, faculdades e vestibulares, incertezas! Professores carrascos e bonzinhos, todos mestiços, assim como os alunos. As brincadeiras cáusticas ou gozações de amplo aspecto aconteciam abertamente. Liberdade e alegria existiam.

Hoje, as separações por meio de cotas, ambientes e norma legal, definem procedimentos, posturas e espaços. O povo mestiço, em sua essência e por excelência, transformou-se em nichos organizados de ancestralidade étnica. As ONGs e associações proliferaram no sentido de fazer valer a separação de cores, em vez de valorizar o melhor do atributo nacional: ser mestiço.

É a mestiçagem que nos diferencia e enaltece. Esse caldeirão étnico gerou a identidade e as características boas e também desagradáveis dos brasileiros: alegres, emotivos, jeitinhos para tudo, inteligência emocional ativa, acomodação e muita resiliência.

Aos poucos, a mestiçagem foi sendo posta de lado e as argumentações sobre a cor ancestral foram sendo expostas por meio de organizações específicas, associações, norma legal, entrevistas e debates.

Muitos nem sabem mais o que são. O que é ser pardo? São os seres escurecidos, entre o branco e o negro, ou é o negro esbranquiçado? Quase a totalidade dos brasileiros são de pardos. O que define um negro no Brasil? Se o caminho para responder for étnico-racial, a questão aflorará com complexidade incomensurável. Assim, fugindo de categorizações estéticas e étnicas, pode-se inferir (como afirma Sílvia Santos, pedagoga) que ser negro é muito mais que características fenotípicas, “Ser Negro” envolve cultura, antepassados, envolve atitude, coragem e principalmente reconhecer-se como negro e ter consciência e convicção de sua contribuição na construção da sociedade brasileira. Como se pode observar, é uma abordagem psicossocial, cultural e sociológica do termo.

Assim, Ser Brasileiro é sentir-se partícipe dessa mistura étnico-cultural, ter atitude plural e aceitação em relação às diversas cores humanas e reconhecer-se, com convicção, da sua mestiçagem.

Por fim e pelo exposto, não há cores, existem valores e o respeito à diversidade é o melhor exemplo de aprendizado e convívio entre todos os humanos deste país. Está faltando respeito à mestiçagem. Faltam princípios e sobram normas e posturas equivocadas. É preciso voltar a **Ser Brasileiro – indígena, negro e branco, tudo misturado** ■



ATOLADO NO PORORI

Renato Paiva Lamounier
Cel Av
rplamounier@gmail.com



*Campo do Porori no Alto Xingu,
março de 1966. Ten Av R.P.
Lamounier e Cap Med Aer "Doc" R.
M. Santos com índios Txucarramãe*

Situemo-nos no tempo e no espaço: março de 1966, Destacamento Precursor da Escola de Aeronáutica em Pirassununga (SP), o DEPEAER-YS.

A instrução de Sobrevivência na Selva e Indianismo, ministrada pelo Esquadrão Aeroterrestre de Salvamento (PARASAR), desenvolver-se-ia na região do Parque Nacional do Xingu, mais precisamente na confluência dos Rios Ronuro (fluindo do oeste) e do Culuene, correndo este na direção sul-norte, formando a partir daí o portentoso caudal do Rio Xingu até sua foz em Porto de Moz, no gigantesco Amazonas. Nessa área, chamada Morená, o Umbigo do Mundo segundo os índios da região (1), aconteceria o treinamento dos cadetes do

ar que cursavam o último ano da então Escola de Aeronáutica do Campo dos Afonsos – o “já lendário”, como é respeitosa e afetuosamente tratado o sacrossanto berço da aviação brasileira.

Como instrutor e chefe da Classe de Voo Sirius do Estágio de Treinamento Avançado, participei desde o deslocamento do “grosso da tropa” para o Parque Nacional do Xingu e, também, do apoio antecipado e continuado ao PARASAR e, também, da cobertura aérea do exercício durante a sua duração (feita esta com um avião T-6), prevista para quatro semanas (uma semana para cada classe de voo, a saber: Antares, Castor, Sirius e Vega, denominação esta até hoje conferida na AFA às esquadrilhas do

1º Esquadrão de Instrução Aérea – 1º EIA). A cobertura aérea tinha por finalidade manter um contato visual com o acampamento do PARASAR cinco vezes ao dia: ao nascer do sol, às 9h, ao meio-dia, às 15h30 e antes do pôr do sol. Numa época de comunicações muito precárias e sem a compatibilidade dos equipamentos rádio disponíveis, adotava-se uma sinalização com painéis no solo, indicando a normalidade, ou não, da situação. Conforme o caso, o T-6, ao regressar ao Destacamento da FAB no Campo do Xingu (SBXG), acionava a solicitação de Evacuação Aeromédica (EVAM) que, segundo providências do SALVAERO BRASÍLIA, seria atendida pelo meio aéreo mais rápido. (2)

É imenso o cabedal de histórias, maiores ou menores na sua extensão, bem como os episódios de toda natureza que a aviação enseja – todos, porém, iguais em importância e significado, sem distinção dos seus protagonistas. Isso me estimulou a contar, também, esta minha historiazinha, com o mais do que estimado colega e amigo Cel Pasqual Mendonça, o “Matão”, meu compadre e companheiro destas peripécias desde os tempos de Cumbica. Ele, sim, um “autêntico xinguan”, pois que, além de aviador naquelas paragens, foi nelas exímio pescador, como bem narra no seu primoroso artigo “A FAB no Brasil Central: a Conquista pelo Avião”, publicado no nº 306 da “Revista Aeronáutica”.

Assim, no dia 14 de março de 1966, decolou de Pirassununga (SBYS) uma Esquadrilha de quatro T-6, sendo um modelo “G” e, os três outros, modelos “D”. Destes quatro, dois retornariam a SBYS, e dois do modelo D, permaneceriam em SBXG para a cobertura aérea conforme descrita, pois “Quem tem dois, tem um; quem tem um, não tem nenhum” e este dito popular é adotado nos planejamentos militares (e projetos aeronáuticos) como o Princípio da Redundância. Caso houvesse uma pane mais séria num avião ou a indisponibilidade de um dos pilotos, não deixaria de ser prestado o indispensável reconhecimento aéreo. Eu integrava essa Esquadrilha com o T-6D 1484, tendo como companheiro a bordo o Cap Méd da Aeronáutica Dr. Rubens Marques dos Santos – o “DOC”, do efetivo do PARASAR, que permaneceria no campo de treinamento durante todo o exercício. A primeira escala foi em Goiânia e o destino final do dia, Aragarças, foi alcançado após quatro horas e vinte e cinco minutos de voo. No dia seguinte, 15 de março de 1966, após pernoite no hotel da Fundação Brasil Central, a decolagem foi ao nascer do sol, com escala em Xavantina, tendo como destino final o Campo do Posto Leonardo Villas Boas (antigo Cap Vasconcellos), sede do Parque Nacional do Xingu, onde residia seu diretor, o sertanista Orlando Villas Boas, pessoa de importância fundamental para a operação que se daria na área do Parque. Depois de cerca de duas de voo desde Aragarças, com pouso em Xavantina, três T-6 aterrissaram no Posto Leonardo e eu prossegui para o Destacamento da FAB, a fim de comunicar a chegada da Esquadrilha ao seu destino, após o que voei para o Posto Leonardo. Este posto localiza-se num aprazível lugar às margens do Tutuari, um braço do Rio Culuene

e próximo à linda Lagoa Kamaiurá, onde está a aldeia da tribo dos índios do mesmo nome, chefiados à época pelo Cacique Tacumã.

Começa aqui o relato objeto do título a ele dado, tendo sido, antes, feita a introdução, não muito breve, mas necessária para situar o leitor no ambiente, na época e nas circunstâncias dos acontecimentos. Ao pousar no Posto Leonardo, mal descemos da carlinga do T-6 e fomos recebidos pelo Orlando Villas Boas, o qual, com seu largo sorriso e costumeiro carinho com o pessoal da Força Aérea, foi logo comunicando a necessidade da ida do médico até o Campo do Porori, onde os índios daquela tribo estavam padecendo de um surto de sarampo e disenteria. Apesar de estarmos ainda no meio da manhã, resolvi que se fazia urgente a decolagem para que o regresso se desse naquele mesmo dia, ademais do espírito de paraquedista SAR (*Search and Rescue*) do Doc Santos. Em consequência, a decolagem foi imediata, com pouso no Destacamento da FAB (Campo do Xingu) para o demorado reabastecimento por tambor com bomba manual e filtro de camurça. O Porori ficava a uma hora e vinte minutos de voo do Xingu, tendo a meio caminho o Campo do Diauarum (onça preta na língua deles), onde residia o sertanista Claudio Villas Boas, irmão do Orlando (e do Leonardo, falecido há tempos), junto à tribo dos Tchukarramãe (advindo este nome por usarem mais a borduna, a azagaia e a zarabatana e, menos, o arco e flecha), cujo chefe era o Cacique Raoni, este tornado célebre muitos anos depois por um músico inglês, acho que por nome Sting. O Diauarum foi apenas sobrevoado. A navegação era fácil, bastando seguir o curso do rio a uma boa altitude e de olho nas praias e clareiras nas margens para o caso de um pouso forçado.

O Campo do Porori “era ainda virgem”, pois jamais avião algum lá aterrissara. Fora aberto na estação da seca, um ano antes, pelo pessoal do próprio PARASAR e era perpendicular ao leito do Rio Xingu, na sua margem esquerda, e cuja região há 54 anos era totalmente inexplorada. Alcançado este, e após um minucioso sobrevoo de avaliação, observando especialmente os obstáculos, o seu comprimento e largura, concluí que o pouso só poderia ser efetuado do rio (cabeceira leste) para a mata (cabeceira oeste), mesmo assim sem possibilidade de arremetida devido à altura das árvores. Restava saber como era o piso da pista. Para tanto, fiz um toque com uma breve corrida no solo no sentido oeste-leste, ou seja, da mata para o rio, em cuja margem havia pequenas árvores. Arremetendo, retornei na aproximação planejada para o pouso bem curto, tocando o solo logo nos primeiros metros da pista utilizável. Preocupado com uma possível “pilonagem”, ou, mais grave, uma capotagem, estava muito atento para o uso dos freios. Surpreendentemente estes não chegaram a ser usados e o avião desacelerou por si só e, de imediato, notei que estava mais baixo do que o normal.

Após o corte do motor, ao saltar do avião constatamos que estávamos atolados, com cerca de 1/3 das rodas mergulhadas numa espécie de terra fina, fofa e seca. Passada a inquietação

inicial, eu e o Doc Santos decidimos levar o avião para o final da pista na cabeceira oeste, junto às altas árvores. Para tanto, com a ajuda dos índios menos doentes, o giramos 180° e, literalmente nos ombros, erguendo-o com as costas sob o estabilizador horizontal e as asas, o arrastamos até o ponto desejado, onde, felizmente, o terreno era mais firme... mas nem tanto. A esta altura já sabíamos que teríamos, no mínimo, um pernoite “DCPA” (Devido a Condições de Piloto Afoito). Para aproveitar o restante do dia, cortamos, a facão, o máximo possível das pequenas árvores em ambas as cabeceiras, sendo as da margem do rio para possibilitar um pouso na água no caso de abortada a pretendida decolagem. Por último, com os galhos mais grossos, foram confeccionadas duas plataformas sobre as quais assentamos as rodas do trem de pouso principal. Todas estas providências contaram com a indispensável crítica e aprovação do meu companheiro naquela aventura, cuja experiência no PARASAR e grande espírito de cooperação, além de muita coragem, mantiveram o meu moral bem elevado. Lá pelas tantas ouvimos o lindo ronco de um avião. Era o Ten Roberto Correia Bruder, com o T-6G, que viera num voo de busca tendo em vista que não havíamos retornado no prazo estipulado. Não foi possível comunicação pelo rádio (o T-6D não possuía o transceptor VHF existente no modelo G). Fizemos sinais de que estávamos bem, contudo, sem poder dizer o que pretendíamos fazer. Aproveitando a claridade restante, o Doc Santos resolveu que deveríamos medir a pista, pois o mesmo tinha os seus passos aferidos, tendo em vista as características e necessidades das suas missões. Assim fizemos, com a conclusão de que dispúnhamos de cerca de 300 metros para a decolagem, com a desvantagem do piso atolado, porém, com as vantagens deste estar seco e a baixa altitude da região. Para favorecer as condições, decidimos decolar aproveitando a temperatura mais baixa do nascer sol.

Os índios costumeiramente habitam cabanas multi familiares, onde o ar respirável não é dos mais agradáveis, principalmente nas precárias condições sanitárias em que se encontravam. O Doc Santos, com a sua experiência de muitos anos junto aos silvícolas, conseguiu uma cabana menor, desabitada, onde armamos nossas redes de selva (dotadas de um teto contra chuva e telas protetoras contra insetos). A nossa última refeição tinha sido um magro café da manhã, madrugada ainda, em Aragarças. Eis que o Doc Santos tira da sua mochila uma lata de presuntada Armour e generosamente a dividiu comigo. Exaustos e não mais tão famintos, pensava em me estender na rede, quando os índios armaram uma dança em nossa homenagem, o ritual Juparanã. Participava da mesma, obedecendo à tradição, de mãos dadas com um índio, o qual, como uma criança, não a soltava. Eu estava imundo, um bom motivo para mergulhar no rio e me livrar do índio. Estes, de porte alto, não se pintam com o vermelho do urucum como muitas outras tribos. Usam como adorno e para se defender dos mosquitos uma resina escura, e inteiramente

envolvem o pênis na pele do escroto, protegendo-os com uma palha atada por uma embira à cintura. Deitado na rede era o momento para agradecer ao nosso Criador toda a ajuda e proteção que nos dera até o momento, manifestando-Lhe a certeza de que na manhã seguinte Ele estaria conosco. Vencido pelo sono, não terminei de rezar o terço que usualmente faz parte da minha bagagem. Alta madrugada, despertei com o barulho de forte chuva, o que muito me inquietou e afligiu, porque com a pista encharcada e lamacenta seria totalmente inviável uma decolagem. Teríamos de esperar, então, um resgate por barco, o que demoraria muitos dias e mais ainda no retorno contra a correnteza. A este sentimento somava-se a vergonha de ter perdido um avião em perfeitas condições, uma vez que a remoção do mesmo só poderia ser feita por uma equipe de “depanagem” e utilizando meios fluviais não disponíveis. Em suma, era melhor abandoná-lo lá, como um “monumento à besteira”. Abrindo os olhos, vi pela porta da cabana, uma belíssima noite de lua cheia. Iluminei o teto com minha lanterna e nele vi milhares de uma espécie de barata, menores e mais escuras do que as que conhecemos. O barulho de chuva era o movimento delas na palha da cobertura. Ali, naquele fim de mundo, isolado de tudo e de todos, sob o imenso peso de não carregar no meu histórico tal fracasso profissional, mas, exultante, voltei a dormir embalado pela esperança inabalável no novo dia, nem sentindo mais a dor das bolhas nas mãos inchadas pelo cabo do facão, apesar de protegidas pelas luvas de voo, de couro.

Antes do amanhecer nos preparamos para a decolagem, quando me dirigi ao Doc Santos e disse-lhe que não se sentisse obrigado a estar naquele avião. De pronto, sua resposta foi o mais encorajador e responsável estímulo para aquele momento: “Lamuca, aqui chegamos juntos e daqui vamos sair juntos”!(3) Feita uma minuciosa inspeção no avião, guarneçemo-lo e demos a partida. Um cheque de motor mais do que cuidadoso e eis que, na verificação de potência, preso nos freios, o avião cedeu bruscamente como se ficasse atolado novamente. Desolados, saltamos do avião sem cortar o motor, verificando entusiasmados que apenas os amortecedores que ficaram totalmente distendidos na remoção voltaram à sua posição normal. Voltamos a embarcar e, com o motor a pleno, o pujante T-6 deu um salto para fora das plataformas sob suas rodas. Imediatamente começou a briga para mantê-lo na reta em função do afundamento irregular ora de uma roda, ora de outra naquela espécie de areão fofo. Neste início da corrida de decolagem os flaps ainda estavam em cima para diminuir o arrasto, mas deixei pressionado o atuador da pressão hidráulica (o muito conhecido “Push”), a qual permanecia ativa por 45 segundos (4). Quando consegui levantar a cauda do avião tive a certeza de que decolaríamos. Vendo chegar a margem do rio e aproximando-se o final da pista, comandeí a alavanca dos flaps para todo em baixo e “cabrei” o manche. A reação do avião foi imediata, proporcionando uma atitude de voo segura

e controlável. Trem de pouso imediatamente recolhido, baixei o nariz no vazio sobre as águas do rio em busca da velocidade salvadora. Curva à direita, proa sul em direção à civilização e ao Campo do Xingu, onde eu permaneceria por um mês cavalcando este moderno Pégasus, merecidamente conhecido mundialmente como o “Pilot Maker”.

De minha parte, acredito que o sucesso dentro do que pode parecer uma temeridade deveu-se menos a qualidades pessoais e mais a três preciosos fatores combinados entre si e no seu conjunto: a fé sincera e a autoconfiança responsável; a credibilidade consciente no avião pelo conhecimento técnico; a eficiência do treinamento; e o respeito aos limites. Em qualquer cenário, sob quaisquer condições e em todas as épocas, esta é a qualidade do aviador profissional, cuja experiência é adquirida nos programas de instrução e padrões de eficiência das Forças Aéreas e das Empresas minimamente organizadas ■

Notas:

(1) Anos mais tarde, numa excursão ao Vale dos Reis na região de Cuzco (Peru), com destino a Machu Pichu, ouvi de um nativo em Ollantaytambo, que ali, no vale do Rio Urubamba, era para os índios Aymará e Quechuas, mesmo antes da dinastia de Pachacutec, o

“Noveno Inca”, o Umbigo do Mundo ou a origem da “Pacha Mama”. Curiosamente a mesma concepção dos povos autóctones do Alto Xingu, apesar de separados por milhares de quilômetros e, entre eles, a densa floresta e a inexpugnável Cordilheira dos Andes. Uma boa questão para os antropólogos.

(2) Numa outra ocasião em um exercício idêntico, houve a necessidade de uma EVAM urgente classificada como SVH (Salvamento de Vida Humana) para socorrer um oficial do Corpo de Cadetes que acompanhava o treinamento e fora acometido de uma grave hemorragia gástrica devido a úlcera estomacal perfurada. Prontamente removido, foi operado em Brasília e até hoje nos enriquece com sua presença entre nós. Apesar da escassez de meios, o sistema de sinalização funcionou perfeitamente, com a criatividade e o zelo provando do que é capaz o comprometimento e o profissionalismo.

(3) É importante registrar que, como valiosa herança desta experiência, em que são forjadas as grandes e verdadeiras amizades, tenho o Doc Santos como meu padrinho de casamento, realizado três anos depois.

(4) Apenas como curiosidade aeronáutica, nos aviões NA T-6 a alavanca dos flaps tem uma posição intermediária “Lock” (sendo que no modelo “G” não existe o botão “Push”). Antes de iniciar a corrida de decolagem, conforme descrito, selecionei previamente a alavanca dos flaps nesta posição travada para que a sua atuação fosse imediata ao ser comandada a posição todo em baixo.



Foto:EADS

O MÉDICO DE ESQUADRÃO

Luiz Alberto Borges Fortes de Athayde Bohrer

Tenente Coronel

airsafet@uol.com.br

Quando vi a bolacha do médico de esquadrão que eu não conhecia, lembrei-me do início da minha caminhada na aviação, como aluno e cadete, época em que não existia a figura do médico de esquadrão, pelo menos, formalmente, mas conheci alguns médicos que atuaram de forma pioneira, já suprindo essa lacuna e abrindo as portas para esse insubstituível integrante de qualquer unidade aérea.

Evidentemente, a história do médico de esquadrão pode ser contada a partir dos primórdios da aviação militar brasileira, no entanto, apesar de não saber quando a formação de médico de esquadrão, conforme é conhecida e praticada atualmente, iniciou-se na FAB, descrevo minha experiência com aqueles que, na minha leiga opinião, considero os médicos de esquadrão pioneiros da FAB.

Em 1970, o então 1º Ten Méd Rosenélio era médico no Hospital do CFPM, em Natal, e atendia os Alunos nos esquadrões de instrução de T-23 e T-37 (1º e 2º EIA), respondendo presencialmente no próprio esquadrão, sendo, evidentemente, um atendimento clínico para encaminhamento dos casos mais graves. Certa vez fui atendido por ele por causa de uma luxação no cotovelo, que ganhei em um jogo de vôlei no fim de semana. Era de extrema dedicação aos alunos e a presença dele no esquadrão era marcante.

Já na AFA, em Pirassununga, no ano de 1972 (mesmo antes, porque desconheço quando iniciou) o esquadrão de T-37 contava com o empenho e o carinho do 1º Ten Méd Edson (Dr. Edson, como o chamávamos), que era obstetra e tinha sua sala permanente no esquadrão e se dedicava, como hoje os médicos de esquadrão fazem. Era muito procurado pelos cadetes que apresentavam problemas em voo e buscavam aconselhamento e, frequentemente, prescrevia uma dispensa de uns dias para dar tempo de baixar o estresse. Esse também foi, verdadeiramente, um médico de esquadrão.

Já como aspirantes a oficial aviador, a nossa turma conheceu em Fortaleza, no CSPC (Curso de Seleção de Pilotos de Caça), o 2º Ten Méd Raimundo, ou Raimundinho como era chamado, e que ficaria poucos anos na FAB. Psiquiatra, também tinha sua sala de atendimento permanente no esquadrão (1º/4º GAv). Assim ele vivia o papel de médico de esquadrão, por vezes, realizando alguns voos; e sua presença era constante, inclusive nas chamadas diárias na sala de briefing. Esse também era um médico de esquadrão dedicado, apesar do desconhecimento de alguns aspectos, pelo fato de ser R2, mas seu interesse compensava em muito para uma atuação voltada à atividade aérea. Estamos falando de 1974, quando não havia formação específica para o Médico de Esquadrão na FAB e cada um “se defendia” como podia.

Nesse mesmo ano de 1974, para a parte da nossa turma que seguiu para Natal, para realizar o Curso de Formação de Piloto de Ataque no CATRE, lá estavam, atuando junto aos estagiários,

dois médicos como médicos do esquadrão: o 1º Ten Méd Tassino e o 1º Ten Méd Luís Antonio. Tassino era urologista, que havia iniciado como psiquiatra, mas trocara de especialidade. Eu o conheci em 1975 quando fui de Fortaleza para ser instrutor em Natal, e descobri que era (ou é) irmão de um grande amigo meu do ginásio, quando lá morei em Natal em 1964 e 1965. Éramos aeromodelistas e hoje ele também é médico. O Luís Antonio, psiquiatra e, como o Tassino, muito interessado pela atividade aérea. Ambos desenvolveram um excelente trabalho de avaliação de pilotos de combate para orientar o acompanhamento e a seleção.

Em meados da década de 1970 o então Maj Méd Osmond Coelho foi o primeiro médico de aviação a fazer parte do Quadro de instrutores do CENIPA.

Em 1979, conheci o 1º Ten Méd Paulo, psiquiatra que atendia no hospital da 1ª ALADA, depois Base Aérea de Anápolis, e se dividia como médico de esquadrão do 1º GDA. Isso foi de 1979 a 1981 e ele já era chamado de médico de esquadrão. Penso que nesse período o papel do médico de esquadrão já estava instituído na FAB. Posteriormente, o Brig Méd Roberto Teixeira é considerado o “pai” da Medicina de Aviação na FAB.

Nesses anos, vários médicos também realizaram a formação de médico de esquadrão na USAF, na Base Aérea de Brooks, na cidade de San Antonio (Texas) e trouxeram vários ensinamentos que foram aplicados na formação dos nossos médicos.

Em 1984, fui convidado para ser instrutor do CENIPA e tive a oportunidade de participar da montagem do primeiro ESV-FH que tinha a duração de uma semana e, em 1986, quando para lá fui transferido, formamos uma comissão e montamos um ESV-FH de duas semanas que perdura até hoje. Desde então, trabalhei com muitos médicos, todos já com a formação em medicina aeroespacial, inclusive com o hoje Brig Méd Camerini, com cuja colaboração contei para escrever este artigo.

Em 1994, já na reserva remunerada, mas contratado pelo CENIPA, pude elaborar o primeiro Programa de Prevenção de Acidentes para o Ministério da Aeronáutica, em que ficava estabelecida a necessidade de priorização da designação de médicos para todos os esquadrões da FAB, podendo um atender a mais de um esquadrão se fossem na mesma base aérea, desde que com tempos programados para cada uma das unidades nela sediadas. Dessa forma, o comandante do COMGEP, Ten Brig Ar Elislande Baio de Barros, atendendo a esse preceito, determinou que a seleção de médicos que viria a seguir priorizasse as especialidades compatíveis com a função de médico de esquadrão.

Assim, a partir de 1995 a FAB entrou em nova fase com a atividade priorizada e tendo se tornado obrigatório que os esquadrões fossem adequadamente apoiados por essa figura tão importante na atividade aérea militar: o médico de esquadrão ■

ATUAÇÃO DOS NA GUERRA E NA

Ten Brig Ar Astor Nina de Carvalho Netto
astornetto@yahoo.com.br

Em entrevista na televisão, no mês de janeiro, um eminente médico afirmou que o militar foi formado para matar e o médico para salvar vidas. Logo depois daquela entrevista, apareceu a imagem de um C-130 da FAB, sendo carregado com vacinas para distribuição em diversos lugares do Brasil, provando que os militares também contribuem para o salvamento de vidas.

Estava certo o competente médico quando disse que nós, militares, fomos preparados para matar, pois somos profissionais da guerra. Deve ser dito também, que, embora preparados para matar, os militares cumprem a missão constitucional de defender a Pátria e garantir os poderes da República, assegurando a vida da Nação.

Eles também salvam vidas e contribuem para o desenvolvimento do país. Os médicos estão na linha de frente da luta contra a covid-19 e são, de certa forma, também profissionais da guerra, porque arriscam a vida para salvar vidas.

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o Instituto Butantan estão realizando há décadas notável trabalho em benefício



S MILITARES BRASILEIROS

PAZ - O SOLDADO DE MONTESE

do povo brasileiro, produzindo vacinas e soros antitóxicos, espécie de armas que salvam milhões de vidas.

Sim, os médicos participam de uma guerra e os militares entram na guerra para garantir a vida e a segurança do país.

Ao tecer esses comentários, o meu pensamento se volta para o passado. Quando terminei o estágio no 5º Grupo de Aviação (5º GAv), como 2º tenente recém-promovido, tive a feliz oportunidade de ser classificado no 6º Grupo de Aviação (6º GAv). Sediado em Recife, o 6º GAv era equipado com possantes quadrimotores B-17, e constituído por dois esquadrões, o 1º/6º GAv (Busca e Salvamento) e o 2º/6º GAv (Reconhecimento Fotometeorológico). Nas missões de busca e salvamento, o 6º GAv contribuiu para o salvamento de inúmeras vidas. Nas missões de reconhecimento foto, o grupo fotografou centenas de quilômetros quadrados para diversos órgãos voltados ao desenvolvimento nacional.

Poderia citar dezenas de missões realizadas, algumas guardo na memória com o orgulho de ter servido naquela unidade aérea.

Em 1968, um garoto acidentou-se e ficou gravemente ferido em Fernando de Noronha, localidade desprovida de hospital e com pouquíssimo apoio médico. A única maneira de salvá-lo seria transportá-lo rapidamente para Recife. Para cumprir essa missão, um B-17 decolou de Recife por volta das 18 horas,

rumo a Fernando de Noronha, realizando voo noturno. Quando foi iniciada a descida para o pouso, a Rádio Noronha informou que o precário balizamento da pista entrara em pane e estava inoperante, sem previsão para ser restabelecido. As luzes do povoado de Fernando de Noronha se destacavam na imensa escuridão que cobria o oceano. A missão não podia ser abortada, uma vida tinha de ser salva. Foi solicitada à Rádio Noronha a colocação de todas as viaturas existentes nas laterais da pista, inclusive motocicletas. Essas viaturas deveriam acender as luzes de modo a ser feito um diminuto balizamento. Até candeeiros Aladim foram utilizados. Com o dispositivo pronto, optou-se por realizar uma aproximação por instrumento com o auxílio do radiofarol NDB (Non Directional Beacon), pois no ponto crítico da descida o avião estaria alinhado com a pista. O pouso foi realizado com sucesso, graças ao balizamento improvisado e aos potentes faróis do B-17. O paciente foi transportado para Recife, numa demonstração de que os militares estão preparados para matar na guerra e também para salvar vidas na paz. A vibração da realização daquele pouso poderia ser comparada à alegria do cadete ao fazer o seu primeiro pouso solo noturno.

Como os B-17 seriam substituídos no 6º GAv pelos Hércules C-130, ainda como tenente, em 1969,



fiz o curso daquele quadrimotor no 1º Esquadrão do 1º Grupo de Transporte (1º/1º GT). Até então, só capitães e oficiais superiores pilotavam o C-130. Durante a fase de instrução, participei de várias missões daquele esquadrão. Numa delas, foi feito o transporte de equipamentos para ampliação da usina elétrica de Roraima. Naquela época, em razão da limitação dos geradores, Boa Vista ficava às escuras a partir das 22 horas. Os equipamentos transportados pela FAB aumentaram o potencial elétrico roraimense, contribuindo para o desenvolvimento da região e para o bem-estar da sua população. Hoje, modernizados, os C-130 continuam atuantes e, entre outras missões, estão transportando vacinas para combater a covid-19.

Desde a sua criação, em 1941, a Força Aérea tem colaborado intensamente com o desenvolvimento do Brasil. Nos anos 40, a ação do Correio Aéreo Nacional (CAN) garantiu a integração de regiões remotas, a assistência médica a índios isolados e o apoio a populações insuladas pela ausência de um sistema viário.

Atualmente a Aeronáutica executa o controle do tráfego aéreo nacional, garantindo a segurança de milhões de brasileiros que utilizam o transporte aéreo. Modernos jatos e helicópteros da FAB transportam órgãos para transplante em pacientes graves. Esses órgãos são preciosos porque salvam vidas e só têm serventia se transportados rapidamente. Com a saturação da rede hospitalar de Manaus, a FAB trasladou dezenas de vítimas da covid-19 para hospitais de outras localidades do Brasil.

Na imensa área do mar que está sob jurisdição do nosso país, a Marinha do Brasil faz o controle de todo o tráfego marítimo e salvaguarda vidas humanas com o Serviço de Busca e Salvamento (SALVAMAR BRASIL). Além disso, implanta e mantém balizamento fixo e flutuante para orientação de embarcações; e difunde avisos aos navegantes e boletins meteorológicos. Há mais de um século, elabora cartas náuticas do mar, dos rios e de águas interiores, imprescindíveis para a navegação. A sua presença na Amazônia também é marcante pela atuação no âmbito social, com a ação de navios-hospitais apoiando a população ribeirinha.

Desde o Império, expedições do Exército Brasileiro mapearam o extenso território nacional, demarcaram as fronteiras do país e realizaram a integração de indígenas. Com isso, o nosso Exército garantiu pacificamente a grandeza territorial do Brasil, hoje assegurada pelos Pelotões de Fronteira. No passado, milhares de quilômetros de ferrovias foram construídos pelos Batalhões de Engenharia de Construção e, na atualidade, esses batalhões continuam edificando rodovias, pontes, barragens, açudes e aeroportos. Destaca-se a participação do Exército na gigantesca obra de transposição do Rio São Francisco.

A partir de 1957, a Marinha, o Exército e a Força Aérea vêm participando de Operações de Paz da Organização das Nações Unidas (ONU). As forças de paz da ONU ajudam na restauração da democracia e na reconstrução de países destruídos por lutas

internas ou por desastres naturais, como terremotos, podendo ser citada a atuação brasileira no Haiti.

Em síntese, os militares brasileiros realizam um notável trabalho na paz e contribuem efetivamente para o desenvolvimento do Brasil. A sua atuação garante a segurança nacional, o bem-estar do povo brasileiro e a recuperação de países devastados por conflitos internos. Nos conflitos armados, como profissionais da guerra, estão prontos para morrer defendendo a Pátria e os princípios básicos que norteiam uma nação, como a liberdade, a democracia, a justiça e os valores morais do seu povo.

Assim foi na Segunda Guerra Mundial, quando os militares brasileiros combateram as forças nazifascistas. Integrantes do Exército Brasileiro e da Força Aérea Brasileira lutaram bravamente pela libertação da Itália.

Em 1988, de férias, percorri parte da Itália com a família. Dirigindo com o auxílio de um mapa, ao chegar perto de Florença (Firenze), constatei que estávamos próximos de Pistoia, uma das localidades libertadas do jugo nazifascista pelas forças aliadas. Como sabia que naquela localidade estava o Cemitério Brasileiro Militar, rumei para lá. Naquele cemitério, como militar, senti uma das maiores emoções da minha vida. Ali tinham sido sepultados 467 militares brasileiros, mortos em combate. Em 1960, os restos mortais daqueles heróis foram exumados e retornaram ao solo pátrio, sendo colocados no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, construído no Aterro do Flamengo. Em 1967, depois da inauguração daquele monumento, foi localizado em Montese o corpo de um pracinha brasileiro não identificado, que estava com o uniforme da Força Expedicionária Brasileira. Era um dos três militares brasileiros desaparecidos em combate. Esse corpo foi sepultado no Túmulo do Soldado Desconhecido, em Pistoia. A sua presença torna sagrado aquele lugar, onde brilha uma chama permanentemente acesa numa pira e tremula a Bandeira Nacional. É perante a nossa bandeira que todos os militares fazem o solene juramento de defender a Pátria, se necessário com sacrifício da própria vida. Foi isso o que fizeram os pilotos e soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial. O soldado de Montese representa todos esses heróis. Ele foi preparado para matar, lutou bravamente e deu a vida por uma causa. Não é difícil imaginar como estaria o mundo se as forças nazifascistas tivessem vencido.

Com estes fatos e reflexões, complemento a afirmação do ilustre médico dizendo que, embora preparados para matar, os militares também salvam vidas, garantem a segurança do país e cooperam com o desenvolvimento do Brasil.

Que nesses dias difíceis de pandemia, possamos acender um balizamento de emergência, iluminado com as luzes do labor e da união e que, como em Pistoia, permaneça acesa em cada coração a chama da Pátria, sempre alimentada pelo amor ao Brasil, pela honestidade de propósitos, pelo idealismo e pelo trabalho profícuo de todos os brasileiros ■

HISTÓRIA PERFEITA

Autor anônimo

História número um

Há muitos anos, Al Capone controlava inteiramente a cidade de Chicago. Não ficou famoso por nenhum ato heroico. Era notório, sim, por encher a cidade com tudo relativo a contrabando, bebidas, prostituição e assassinatos.

Capone tinha um advogado apelidado “Easy Eddie”, um excelente profissional! Sua habilidade, manobrando no cipoal de leis, manteve Al Capone fora da cadeia por muito tempo.

Para mostrar seu apreço, Capone pagava-lhe muito bem. Não só o dinheiro era grande, como Eddie também tinha vantagens especiais. Por exemplo, ele e a família moravam em uma mansão protegida, com todas as conveniências possíveis. A propriedade era tão grande que ocupava um quarteirão inteiro em Chicago. Eddie vivia a vida da alta roda da cidade, mostrando pouca preocupação com as atrocidades que ocorriam à sua volta.

Entretanto Easy Eddie tinha um ponto fraco. Tinha um filho que amava acima de tudo. Eddie cuidava para que seu filho tivesse sempre do melhor: roupas, carros e uma excelente educação. Nada era poupado. Preço não era problema. E, apesar do seu envolvimento com o crime organizado, Eddie tentou mostrar-lhe sempre o que era certo e o que era errado. Eddie queria que seu filho se tornasse um homem melhor que ele.

Mesmo assim, com toda a sua riqueza e influência, havia duas coisas que ele não podia dar ao filho: não podia transmitir-lhe um nome bom e um bom exemplo.

Um dia, Easy Eddie tomou uma decisão difícil, no sentido de corrigir as injustiças de que havia participado na sua carreira como advogado. Decidiu que iria às autoridades e contaria a verdade sobre Al “Scarface” Capone, limpando seu nome sujo e oferecendo ao filho alguma coisa como integridade moral recuperada. Para tanto, teria de testemunhar contra a quadrilha de Capone, e sabia que o preço a pagar seria muito alto. Ainda assim, ele testemunhou.

Um ano depois, Easy Eddie foi assassinado a tiros numa rua de Chicago. Deu ao filho o maior presente que poderia oferecer, ao maior custo que poderia pagar. A polícia recolheu em seus bolsos um rosário, um crucifixo, uma medalha religiosa e um poema, recortado de uma revista.

O poema: “O relógio da vida recebe corda apenas uma vez e nenhum homem tem o poder de decidir quando os ponteiros irão parar, se mais cedo ou mais tarde. Agora é o único tempo que você possui. Viva, ame e trabalhe com vontade. Não ponha nenhuma esperança no tempo, pois o relógio pode parar a qualquer momento”.

História número dois

A Segunda Guerra Mundial produziu muitos heróis. Um deles foi o comandante Butch O’Hare, um piloto de caça, operando no porta-aviões Lexington, no Pacífico Sul.

Certo dia, seu esquadrão foi enviado a uma missão. Quando já estavam voando, ele notou pelo medidor de combustível que havia esquecido de encher os tanques do seu avião. Ele não teria combustível suficiente para completar a missão e retornar ao navio. O líder do voo o instruiu a voltar ao porta-aviões. Relutantemente, ele saiu da formação e iniciou a volta à frota.

Quando estava voltando ao navio-mãe viu algo que fez seu sangue gelar: um esquadrão de aviões japoneses voava na direção da frota americana. Com os caças afastados da frota, ela estaria indefesa ao ataque iminente. Ele não podia alcançar seu esquadrão nem avisar à frota da aproximação do perigo. Havia apenas uma coisa a fazer. Teria de desviá-los da frota de alguma maneira...

Afastando todos os pensamentos sobre a sua segurança pessoal, ele mergulhou sobre a formação de aviões japoneses. Suas metralhadoras calibre 50, montadas nas asas, disparavam enquanto ele atacava um surpreso avião inimigo e em seguida outro. Butch costurou dentro e fora da formação, agora rompida; e incendiou tantos aviões quanto possível, até que sua munição finalmente acabou. Ainda assim, ele continuou a agressão.

Mergulhava na direção dos aviões, tentando destruir e danificar tantos aviões inimigos quanto possível. Finalmente, o exasperado esquadrão japonês partiu em outra direção. Profundamente aliviado, Butch O’Hare e seu avião danificado se dirigiram ao porta-aviões. Logo à sua chegada informou a seus superiores sobre o acontecido. O filme da máquina fotográfica montada no avião contou a história com detalhes. Mostrou a extensão da ousadia de Butch em atacar o esquadrão japonês para proteger a frota. Na realidade, ele tinha destruído cinco aeronaves inimigas.

Isto ocorreu no dia 20 de fevereiro de 1942, e por aquela ação Butch se tornou o primeiro ás da Marinha na Segunda Guerra Mundial, e o primeiro aviador naval a receber a Medalha Congressional de Honra.

No ano seguinte Butch morreu em combate aéreo com 29 anos de idade. Sua cidade natal não permitiria que a memória deste herói da Segunda Guerra desaparecesse, e hoje, o Aeroporto O’Hare, o principal de Chicago, tem esse nome em tributo à coragem deste grande homem. Assim, se algum dia você passar no O’Hare International, lembre-se dele e vá ao Museu comemorativo sobre Butch, visitando sua estátua e conhecendo suas condecorações. Fica situado entre os Terminais 1 e 2.

O que têm estas duas histórias de comum entre elas? Por que ambos eram de Chicago? Não! Butch O’Hare era filho de Easy Eddie ■

QUINZE SEGUNDOS EM UMA ETERNIDADE

Ronaldo Braga

Cel Av

braga.cambio@gmail.com

A pior situação que passei na vida.

Há momentos na vida em que você imagina estar em algum estado imaterial, entre dois mundos. Pensa que tudo aquilo não está acontecendo, ao mesmo tempo em que está rezando para acabar. É mais ou menos aquela pergunta interior: “o que eu estou fazendo aqui?”

Estava servindo em Santos (SP), no 1º/11º Grupo de Aviação, lá em meados de 1986. O esquadrão fazia a formação de pilotos de helicópteros da FAB, das polícias estaduais, da Polícia Federal, Bombeiros e até na formação inicial do Exército. Além disso, cumpria missões operacionais inopinadas. Para tal tinha um *monte* de OH-13H (o velho, e bom “Bolha”), e alguns helicópteros UH-1H, um perfeito jipe aéreo multifunção, que podia realizar missões SAR, transporte de tropa, ou voar já equipado com metralhadora lateral ou mesmo lançadores de foguetes. Era *macho* aquele bicho.

Eis que, em meio a uma rotina tranquila, nos chegou uma Ordem Fragmentada (OFRAG), uma mensagem sigilosa, para que o esquadrão providenciasse cobertura armada do circuito que o presidente da República, Sr. José Sarney, faria em Belo Horizonte.

Os pilotos *da vez* eram o Esterlino, chamado pelos alunos de “Extermínio”, e este que vos fala. Levamos o “Vedo”, oficial com preparo em operações militares e alguns graduados de armamento e mecânico.

A ideia seria decolar no mesmo dia, fazer um pernoite em Belo Horizonte (MG), no aeroporto da Pampulha, pois tinha uma organização da FAB, e fazer o sobrevoo na manhã seguinte, sobre a região central de BH. *Molezinha!* Diária mais fácil, impossível.

Aquela área toda é cheia de morros. Decolamos de Santos com um tempo assim *meio pau*, meio *cacete*, “lusco-fusco” safado, mas dava para ir na base do “visumento”, tipo de voo fora

dos padrões normais previstos; nem visual nem por instrumentos, mas era o que dava.

Mau Tempo. O teto foi abaixando, abaixando, e a gente tentando manter visual com o solo. Dava para ver alguns urubus pedindo carona para caminhão na estrada. Foi dando o pôr do sol e a gente *ciscando* em cima da estrada. Quando a coisa quer piorar, não tem jeito. Começamos a ver ondas de chuva rolando pela estrada. O vento batia de todos os lados. Parecia competição internacional de surfe no Hawaii.

O “Hzão”, a gente chamava de “agazão”, uma letra agá, só que maiúscula, para mostrar como aquele helicóptero era brabo. Só não era brabo o copiloto, vulgo eu.

O “Extermínio”, digo, Esterlino foi escutar alguma mensagem de BH. Para acabar de ferrar tudo, no meio do caminho, fechou BHZ, com aquela chuva bacana, trovoadas e outros bichos. Fomos rastejando em cima da rodovia, mas tinha até urubu estacionado, esperando melhoria. Olhamos a sorte na cara ou coroa e consegui convencer o outro piloto a fazer um pernoite em alguma fazenda por ali.

Finalmente, nos jogamos numa fazenda. Uma área grande, mais baixa ao lado da estrada, com algum gado e cercas separado tudo. A dona da casa nos recebeu com imensa cordialidade, normal do mineiro, e dormimos lá, naquele ambiente bucólico.

Acordamos cedo, pois o comboio do presidente faria o tal circuito, pela cidade de BH, às 8h da manhã. Após um café melhor do que merecemos, também típico do pessoal mineiro, engolimos rápido, o que dava e fomos ver o helicóptero. Bom! Ver foi só força de expressão. Da porta da fazenda, a gente não enxergava o UH-1H. Nuvens ou nevoeiro colado no chão. Eu não sei que tipo era, pois não sabia a altura exata das montanhas. Só sabíamos que era alto; estávamos num vale e não tínhamos qualquer informação meteorológica.

A gente tinha que cumprir a OFRAG, senão *dava ruim*. O comandante do esquadrão penduraria a gente no mastro da bandeira. Não tinha essa de *milico* não cumprir a missão, só por causa de uma “besteirinha” daquelas. Cheio de morros naquela região, só podia decolar na vertical, em voo, seguindo as informações dos instrumentos de bordo, que não eram muitos. Em resumo, deveria decolar em IFR mais ou menos controlado, ou o mais próximo disso

O Esterlino, entre frio e louco, foi de 1P, e eu, entre todo borrado e religioso, fui olhando os instrumentos do motor e para fora, rezando.

O louco sangue-frio saiu na vertical, *dentro do copo de leite*, tudo branco em volta, o horizonte elétrico dele parecia uma bola de futebol de salão, travada. Do meu lado, aquela bola 7 da sinuca, preta, com outra alimentação, que nem me lembro mais qual era. Rezando para não dar pane em nada, pois seriam caixão e vela preta.

O solo estava em alguma coisa em torno de 2.000 pés. Passando por uns 6.000 pés, pedi “gentilmente” (para não assustar o *cabra*) que o Esterlino colocasse um pouquinho de velocidade naquela coisa, pensando na perda de RPM e emergência. O gelado piloto riu e botou 40Kt de IAS. Que luxo! Não merecia tanto! Se a gente fosse muito para frente poderia encontrar algo mais duro do que uma nuvem. Em uns 8.500 pés saímos da camada e ficamos acima das nuvens. Um mar branco embaixo da gente. Entramos em contato com o Centro e fomos para BHZ. Cumprimos a missão. Eu todo borrado, mas feliz em ter bons amigos.

Na verdade, dentro de um voo mais complexo, com problemas a sanar, como na vida, se estivermos acompanhados dos amigos certos, tudo passa, tudo se resolve. A lição que fica é que não importa o tamanho do problema, quando se está entre amigos.

Câmbio!

“*Só Cristo Salva*” (escrito na porta de um hotel, uma estrela, em Montes Claros ■)



MORTE E VIDA SEVERINA

José Cledi Lima Figueiredo
Cel Av
jclledi@yahoo.com.br



Capa da 1ª edição

O autor

Para um melhor entendimento da mensagem da obra *Morte e Vida Severina* é importante conhecer a formação e os atributos do seu autor, o que será apresentado de forma sucinta a seguir.

João Cabral de Melo Neto (1920-1999), natural de Recife (PE), era primo pelo lado materno do sociólogo Gilberto Freyre, e do poeta Manuel Bandeira pelo lado paterno. Passou a primeira infância na Zona da Mata, nos engenhos da família e estudou no Colégio Marista (1930-1935).

Uma característica do autor desde a sua infância era o gosto intenso pela leitura. Já adulto foi para o Rio de Janeiro (1943), indo trabalhar no serviço público. Em 1947, entrou por meio de concurso público na carreira diplomática, tendo ocupado postos em várias localidades no exterior, incluindo Sevilha, Barcelona e Madri, que propiciaram torná-lo um grande admirador do estilo literário espanhol, em especial, pela forma direta e intensa de expor as ideias.

Resumo da obra

Será apresentada uma resenha da obra, a fim de melhor embasar os comentários sobre a mesma. O personagem principal, Severino, um nativo do Agreste pernambucano, decide emigrar para o litoral na busca de uma vida melhor. Esse nome é comum na região, sendo muito usado em homenagem a São Severino Ramos, maior santo de romaria em Pernambuco.

Severino é descrito como uma pessoa magra, cabeça grande, pernas finas e barriga desproporcional, características comuns na região, fruto de uma alimentação deficiente e pobre. É nesse contexto de viver o dia a dia, nessas condições, com sequelas que podem levar à morte, que o autor cria a expressão morte severina, ou seja, tipo de morte causada por levar uma vida em condições precárias, tal qual Severino.

No decorrer de sua migração, tendo como referência o Rio Capibaribe, o personagem se depara e participa de enterros e velórios. Em determinados momentos faz paradas para descanso e tenta trabalho para sobreviver, mas sem sucesso por ser apenas um lavrador. Aqui a obra mostra que nessa região, muitas oportunidades de trabalho giram em torno da morte: médicos, farmacêuticos, coveiros e rezadeiras.

Seguindo seu deslocamento, o personagem chega à Zona da Mata, onde se encanta com a abundância de água e quantidade de terras férteis, o que poderia prover um sustento confortável, sem as dificuldades típicas do Agreste.

Ao mesmo tempo se surpreende por não encontrar nada além da imensidão verde do canavial. Acaba sabendo, porém, que aquilo tudo tinha proprietários e as pessoas simples daquele lugar, também não tinham vida fácil nem a fartura que ele imaginara.

Continuando sua retirada, ao chegar em Recife, houve um diálogo que o deixa desiludido e decide cometer suicídio no cais do Capibaribe.

Comentários sobre a obra

Por ser obra muito rica, seu conteúdo pode ser analisado sob diferentes pontos de vista. O aspecto que trata da cidadania é o mais analisado, bem como o mais explorado, em especial no campo das artes. Entretanto outro aspecto que aborda o espírito, o modo de pensar e agir do homem do interior nordestino, é o mais relevante para a presente análise.

Antes de tudo é importante registrar que a obra jamais menciona ou trata da existência de algum linguajar nativo ou dialeto no território que sirva de pano de fundo para a narrativa, ou seja, em todo e em qualquer lugar e tipo de pessoa, o português é a única língua empregada, o que vem confirmar a força da unidade linguística nacional.

Sob o ponto de vista da cidadania a obra descreve em detalhes a dificuldade para a produção de alimentos, implicando em pobreza e em todo tipo de carência associada à aridez do sertão nordestino. Essa abordagem predomina significativamente nas análises acadêmicas dessa obra. No campo das artes o conteúdo da obra já proporcionou a criação de filmes, peças teatrais e até musicais. Essas produções alcançaram grandes sucessos, proporcionando bons retornos financeiros aos envolvidos, haja vista que essa visão mexe enormemente com o emocional do grande público.

A obra de ficção publicada há 64 anos retrata de forma detalhada, por meio do personagem Severino, a alma, o modo de ser, de agir e de pensar do povo dessa região, aspectos que interessam aos estudos sobre o pensamento brasileiro e a sua evolução.

Essas pessoas simples possuem uma profunda fé baseada na religião católica, o que lhes permite seguir na vida, mesmo diante de tantas dificuldades. O personagem e aqueles com quem interage mantêm a dignidade, mesmo na adversidade, pois em nenhum momento pensam em roubar, mesmo com tantas necessidades, ou cometer crimes em vingança à má sorte em suas vidas.

A solidariedade entre as pessoas é muito forte, demonstrada pelos conselhos trocados, pelo apoio moral e até pelo apoio material, mesmo com a baixa disponibilidade, comum para a maioria.

Comparando o conteúdo ora tratado, com produções mais próximas aos tempos atuais, observa-se que descrições ali contidas permanecem, em sua essência, bastante representativas, confirmando assim não ser uma simples obra de ficção, mas uma verdadeira fonte de consulta para bem entender o espírito filosófico desse habitante do interior nordestino, o que permite agregar esses conhecimentos ao mosaico, que compõe o pensamento brasileiro, e melhor entender que nação é esta ■

ANO NOVO, NOVOS SONHOS

Militar, tenha acesso a crédito e outros benefícios com melhores condições. Baixe o app e aproveite!

zetra

www.zetra.com.br

eConsig



Aponte a câmera do celular, escaneie o QRcode e baixe o aplicativo **eConsig**



